# O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDACÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ANNO XXXV | ASSIGNATURAS: SEM ESTAMPILHA: anno 4$600 reis; semestre: 2$350; trimestre 1$200; avulso 50 reis. COM ESTAMPILHA: anno 5$140; semestre 2$650; trimestre 1$350; avulso 55. As assignaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

Sabbado 22 de maio de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Annuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assigna-se unicamente em Aveiro. As assignaturas são pagas adiantadas. Os manuscriptos enviados á redacção, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:492

## 22 DE MAIO

Ao escrevermos este artigo troam os canhões nas fortalezas, e por entre as nuvens de fumo das caronadas dos vasos de guerra surtos no Tejo, vê-se tremular ao sopro da aragem o pavilhão nacional, annunciando todas estas demonstrações que é hoje dia de festa no paço dos nossos reis, concorrendo o povo a todas as solemnidades do consorcio auspicioso, que a esta hora se está celebrando no vasto templo de S. Domingos, sob cuja nave ostentava outr'ora a inquisição todo o seu enorme poderio, arrastando ao carcere, á tortura e á fogueira os que affrontavam por qualquer modo a sua influencia perniciosa, que chegava a avassallar a auctoridade real.

Como os tempos mudaram! e como os costumes se poliram e civilisaram, sem as ondas de sangue que, como na França, alagaram a velha sociedade, para a transformarem, acabando com os prejuizos de casta, ferindo de morte a aristocracia da nobreza, e reorganisando sob novas bazes o mundo moderno, cujo bello ideal é o governo do povo pelo povo!

Em Portugal, apoz as batalhas dadas e ganhas contra o absolutismo, a realeza ao receber a uncção popular, identificou-se com a democracia. O rei reina mas não governa. O seu logar é entre a população das cidades e dos campos, que corre presurosa para o saudar, quer ande em viligiatura, quer celebre as suas festas de familia. Póde dizer-se que não se conhece distincção de classes, quando no paço ha o riso de alegrias intimas, ou as lagrimas que assignalam as grandes catastrofes.

E' porque a corôa tem a sua força na alliança sincera com o povo, e portanto a comprehensão dos deveres de tão elevada magistratura. E' porque sabe que a democracia é o esteio das instituições representativas, que sem ella cairiam minadas pela baze. E' que não póde haver governo estavel sem a ordem, é porque a ordem é filha querida da liberdade, e sem estes dois elementos, que promovem a prosperidade publica, as nacionalidades abysmam-se na anarchia, que as leva fatalmente á dissolução.

Na Polonia a realeza era electiva, e d'ahi a sua fraqueza, as luctas intestinas que tiveram por corolario a conquista, sendo hoje um feudo de trez poderosas nações. Na Belgica e em Portugal o seu primeiro magistrado é hereditario, e as manifestações de descontentamento quando se traduzem em factos, é contra os ministros responsaveis, respeitando o principio da impecabilidade do monarcha. D'aqui a excellencia do systema que rege estes dous povos. D'aqui ainda as simpathias que acompanham os reis constitucionaes, o preito prestado pelo povo sempre que a corôa exulta de contentamento, ou que as grandes dôres a oprimem no seio da familia.

A dynastia de Bragança tem em Portugal grandissimas simpathias. D. João IV subiu ao throno com a restauração. O povo acclamou-o sobre os escombros da dominação hespanhola. D. Affonso VI é o heroe de uma ballada de lagrimas, que o tornam simpathico a despeito das fraquezas do seu caracter. D. Pedro II, temperamento ardente, eivado dos vicios de uma educação descuidada, tambem não inspira malquerenças, não obstante as ingratidões com que tratou o rei, a quem succedeu em vida. D. João V tem a desculpar-lhe a falta de orientação politica e os erros do fanatismo, que esvasiaram o erario nacional, a ostentação ruidosa, que o fez rivalisar com o sol de Versalhes. D. José I teve por egide o marquez de Pombal, o assombroso ministro, para quem Portugal era pequeno, e que montou a escola da diplomacia europêa, que produziu os Talleyrands, os Maternichs, os Palmerstons, os Nelserods, os Cavours e os Bismarcks. D. Maria I, a piedosa senhora, cuja loucura coincidiu com a invasão franceza, que assolou o reino, e que lhe deu nome, quando expulsou do seu territorio as aguias imperiaes. D. João VI, o principe transigente, que acceitou a constituição e deportou os conspiradores absolutistas, deixando-os todavia substituir os muares do coche real, quando elles regressavam da campanha dos inauferiveis. D. Maria II, a virtuosa senhora, educada no exilio, e collocada no throno quando em volta d'ella se agitavam ainda as paixões, que haviam triunfado da lucta com o caduco regimen, que não admittia a liberdade de pensar, como se a sociedade fosse escrava da realeza. D. Pedro V, o rei que viu o povo a braços com a epidemia que devastou Lisboa, e que em vez de affastar-se do fóco pestilencial, visitava os hospitaes, e com o exemplo animava os fracos, e obrigava todos a cumprir fielmente os seus deveres. D. Luiz I, que sabe equilibrar-se nas correntes constitucionaes, demittindo os seus conselheiros responsaveis, quando vê o paiz agitado e descontente contra os seus actos de administração, não querendo que as revoluções ensombrem o seu reinado, e mostrando o proposito firme de deixar intacta ao seu successor a herança que addiu pela morte prematura do rei bem amado.

A tradição é sobre maneira gloriosa, para que o enlace do principe real não desperte o sentimento publico, obrigando o povo a abeirar-se do throno. E' por isso que o partido monarchico exulta, e porque a nação festeja o consorcio que a estas horas se celebra na capital. Milhares de cidadãos deixando na provincia as suas casas, cortando por antigos habitos, lançando mão das suas economias para assistirem ás bodas principescas, que atraem a concorrencia de muitas nações continentaes, e até da America, da Asica e da Africa, dão prova exuberante do seu respeito e da sua estima pela dynastia, que é um penhor da nossa nacionalidade, porque em quanto ella se conservar no throno, póde Portugal estar seguro da manutenção da sua autonomia.

A filha primogenita do conde de Paris, a princeza D. Maria Amelia d'Orleans, foi quem o principe real escolheu para sua esposa. Não foi só um casamento aconselhado pelas altas conveniencias politicas, que nunca são estranhas a estes laços de familia, E' tambem um enlace de amor. Dupla rasão para tornar auspicioso o consorcio, que o paiz comemora como verdadeira festa nacional.

O conde de Pariz é um dos principes mais esclarecidos da Europa, e na sua vida ha actos heroicos, que fazem a apologia do seu amor pela justiça, e da sua dedicação pela patria. Bateu-se na America a favor da emancipação da raça negra, escravisada alli pela mais repugnante barbarie. Depois alistou-se nos exercitos francezes contra a invasão allemã, pondo em evidencia a sua dedicação pela terra que lhe foi berço.

A princeza D. Maria Amelia conta 21 annos. e aos dotes fisicos, que a tornam uma das creaturas mais simpathicas do seu tempo, associa dotes moraes e intellectuaes de subido valor.

Que Deus abençoe união tão auspiciosa, e que o principe real agora e no futuro se lembre de que o povo portuguez concorreu com enthusiasmo ás festas do seu noivado, para o estimar e defender, não só hoje, que é apenas conselheiro d'el-rei, mas tambem quando for chamado a exercer as funcções da elevada magistratura, que em Portugal se chama — realeza constitucional.

* * *

### DE VILLAR FORMOSO A LISBOA

A's 2 e meia horas da manha do dia 19 transpunha o comboyo que conduzia a futura rainha de Portugal, a princeza Amelia d'Orleans, a nossa fronteira, cuja linha devisoria estava illuminada com barricas de alcatrão o que produzia um effeito verdadeiramente phantastico. A estação de Villar Formoso estava brilhantemente decorada, e uma multidão enorme que dos concelhos limitrophes havia concorrido alli, saudou os illustres viajantes com calorosos vivas á familia real portugueza e aos principes d'Orleans, manifestação espontanea e brilhantissima, que será decerto de grata recordação para a princeza.

Na Guarda achavam-se na estação o governador civil, junta geral do districto, camara municipal, administrador do concelho e muitas pessoas de representação. Estavam tambem bastantes senhoras. A estação estava vistosamente illuminada a balões venezianos. A illuminação produzia um effeito deslumbrante. O povo, que se achava na *gare*, ergueu calorosos vivas á familia real e aos augustos noivos.

Em Santa Comba a augusta princeza desceu á *gare*. A multidão acclamou-a com o maior enthusiasmo, e as senhoras cobriram-n'a de flores. A excelsa princeza agradeceu com sorrisos as manifestações expontaneas do povo. A multidão era enorme.

Eram 9 e um quarto da manhã quando o comboyo chegou á Pampilhosa. Uma parte das linhas circumvisinhas da *gare* e que deviam ser percorridas pelos comboyos que conduziriam S. A. o principe e S. A. a princeza Amelia, ladeavam-nas filas de mastareos pintados d'azul e branco, no topo dos quaes havia galhardetes constituidos de escudos com as iniciaes *A* e *C* entrelaçadas em monograma, entre bandeiras das duas nações—a portugueza e a franceza. Os postes eram ligados por cordões de murta. Iguaes cordões percorriam todo o beiral do tejadilho da *gare*, sobre que fluctuavam as bandeiras das duas nações.

As salas de espera dos passageiros, correspondentes á linha da Beira e as duas do restaurante da estação, foram decoradas com despretenciosa elegancia, formando quatro dependencias por onde os noivos atravessaram e se detiveram quasi que uma hora.

A sala de recepção tinha as paredes forradas de largas fachas de panno azul e branco. Cobria o pavimento um tapete azul com ramagens brancas. A mobilia, composta de divan, *fauteuils* e cadeiras, era de reps azul, assim como os reposteiros das portas de communicação interior e os cortinados das portadas da plataforma. No alto de cada uma das quatro paredes viam-se brazões portuguezes e escudetes com o monogramma das duas iniciaes dos nomes dos noivos, entre corôas de carvalho e louro.

A grande sala de jantar cujas paredes eram forradas de papel azul-céu, era occupada por uma meza de tres lados, parallelos a tres dos lados da sala. N'um d'elles, sobre um docel de cretone e n'um fundo azul, avultava um monogramma com as duas iniciaes dos noivos, O *A* entretecido de rosas brancas e o *C* de rosas vermelhas, encimado por um *bouquet* de flôres de liz. Do lado opposto havia um espelho de Veneza, tendo do *lado direito* as armas portuguezas e do esquerdo as de Italia. Esta sala tem duas portas para a plataforma norte e leste, e duas para a linha da Beira-Alta, entre as quaes estava um grande espelho de moldura de madeira. Do lado da linha do norte, encostado á parede, havia um relogio de vinhatico entre verdura, com flores pelo meio, e aos lados fetos arboreos e araucarias. Um cordão de verdura percorria o alto das quatro paredes da sala, em fórma de bambinellas.

Logo que na estação se deu o signal de que o comboio tinha partido de Luso, S. A. o principe D. Carlos saiu do *chalet* em que se alojára, e dirigiu-se á *gare*, sendo saudado pelo povo, que se accumulava nos dois lados da via ferrea, com vivas e acclamações. S. A. vestia o grande uniforme de capitão de lanceiros e trazia a banda da Torre Espada. Acompanhavam-no os seus dois ajudantes, o sr. ministro da marinha, o conselheiro Cardoso Avelino, o 1.º tenente da armada D. Pedro de Lencastre, o seu secretario particular conde de S. Mamede, e outros officiaes. Entrou para a sala de recepção, d'onde saiu pouco depois, vindo para a plataforma, apenas se annunciou a approximação do comboio.

Cerca das nove horas e um quarto, o trem que conduzia a princeza e os augustos viajantes appareceu ao longe; a machina trazia na frente um trofeu de bandeiras portuguezas e francezas e ornavam-na pelos flandeiras portuguezas e francezas e ornavam-na pelos flancos festões de flores. A banda de caçadores 9 e duas philarmonicas da Figueira que alli se achavam executaram o hymno real e milhares de foguetes subiram ao ar. O principe de pé na plataforma da gare, aguardava a sua noiva. O conde de Pariz, que vinha na plataforma do salão, apenas avistou o principe, chamou a princeza e fel-a descer primeiro. O principe avançou e trocou com a princeza um aperto de mão e um beijo na face. Depois saltou o conde que deu tambem um aperto de mão e um beijo na face do seu futuro genro. Este beijou a mão da condessa de Pariz. A multidão que enchia a gare prorompeu em enthusiasticos vivas.

A todos impressionou a figura gentilissima da princeza, em cujos labios esvoaçava um doce sorriso, que traduzia a felicidade que lhe ia n'alma e o sincero sentimento de gratidão, pela maneira vedadeiramente enthusiastica porque era recebida. Vestia uma *toilette* de flanella branca com gola e canhões estreitos de velludo bronze. O corpete cingia-lhe o busto elegantissimo e era atacado á hussard, com botões brancos. Na cabeça sobre um penteado simplissimo, um chapeu alto de palha bronze, com um laço de flanella branca na frente e pennas d'ave em feixe; calçava luvas amarellas de Suecia. Nem uma joia. Apenas no punho esquerdo uma anilha, tendo pendente uma pequena moeda. Será esta moeda a que figura entre os presentes offerecidos em França á princeza, e que é uma moeda de oiro de 20 francos, com o effigie do rei Luiz XVIII dada pelo sr. Flûtre d'Eu, e de que um jornal parisiense faz a seguinte historia:

«Para as recepções do castello d'Eu que precederam a grande recepção do hotel Gallera, tinha sido convidado um industrial retirado dos negocios e possuidor de uma fortuna honradamente ganha; os seus principios, foram muito modestos. Esse industrial approximou-se do sr. Estancelin e disse-lhe: ·Em 1847 era eu simples operario; um dia a senhora duqueza de Orleans e o sr. conde de Paris foram visitar a officina em que eu trabalhava, e o principe deu-me n'essa occasião uma moeda de vinte francos. Desde esse dia tudo me correu bem! Conservei preciosamente essa moeda, e hoje desejava offerecel-a á princeza Amelia, esperando que ella lhe dará tambem felicidade. A princeza, informada do sentimento delicado que inspirava o sr. Flutre, acceitou a dadiva e agradecendo-a, disse:—Este *porte-bonheur* nunca mais me deixará; mandal-o-hei prender a um de meus braceletes, e recordar-me-ha sempre o sentimento que o inspirou ao senhor, e a França, cujas armas ella tem cunhadas.»

S. A. disse algumas palavras á princeza e offereceu-lhe o braço conduzindo-a á sala de recepção, d'onde, depois de feitas algumas apresentações, seguiram para a sala onde estava a mesa principal, que era de quarenta talheres, e que foi occupada pelo principe, que tinha á sua direita a condessa de Pariz, o ministro da marinha, governador civil substituto d'Aveiro, general Carvalho, conde de Ficalho, Fontes Ganhado, etc. A' esquerda tomou logar a princeza Maria Amelia, seguindo-se os diversos membros da casa d'Orleans. Na frente do principe tomou logar o conde de Pariz, tendo á direita a princeza de Joinville e as duquezas de Chartres e Coburgo, etc. Havia mais duas mesas nas salas contiguas, presidindo a uma o sr. ministro das obras publicas, Emygdio Navarro, e a outra o sr. conselheiro Cardoso Avelino, administrador da casa de Bragança.

O *menu* foi o seguinte:—*Soyez les Bienvenus!*—Consommé de volaille á D. Maria Amelia. *Hors d'oeuvre*—Friands sauce supreme, Sardines, Radis, Saucisson de Lyon, Crevettes Turbot sauce hollandaise e génoise. *Entrées*—Filet de Bœuf aux truffes. Poulets nouveaux braisés à l'estragon, Grenadin de veau à la d'Artois. *Froids*—Galantine à la d'Orléans, Paté de canards à la Parisienne. *Legumes*—Aspergas sauce Maltaise, Hariots verts à l'Anglaise. *Rôtis*—Dindonneaux, salade de laitue. *Entremets*—Croûtes d'ananaz, Chateaubriand, Petits-fours, Nougat, Millefeuilles, Desserts. *Vins*—Madère, Haut-Sauterne, St. Julien, Château Laffite, Pomard, Porto, Moët & Chandon, Koederer frappé. Caffé et liqueurs.

Ao som do hymno real e entre vivas e acclamações, o comboyo partiu para Lisboa ás 10 horas e vinte minutos, indo os noivos na mesma carruagem com os condes de Paris e outras pessoas.

O afamado photographo do Porto, o sr. Emilio Biel, offereceu á princesa um riquissimo album com vistas dos principaes pontos da linha ferrea da Beira Alta, desde Figueira a Villar Formoso. O album tem 70 centimetros por 50, e é encadernado em veludo *olive*, com cantos de setim carmezim, tendo as armas portuguezas estampadas a oiro bem como as iniciaes da princeza E' forrado de *moiré cardinal* e tem de 40 photolypias de 40 × 30 centimetros. Na primeira pagina tem a seguinte dedicatoria feita á mão e que é um admiravel tabalho caligraphico feito no Porto.

A SUA ALTEZA A PRINCEZA D. MARIA AMELIA D'ORLEANS AO ENTRAR NA SUA FUTURA PATRIA RESPEITOSAMENTE OFFERECEM OS PROPRIETARIOS DA PHOTOGRAPHIA REAL, PORTO, EMILIO BIEL & C.ª

Em Coimbra alguns milhares de pessoas aguardavam na estação que estava vistosamente embandeirada, a chegada dos principes. Quando chegou o *comboio ou*viu-se uma prolongada salva de palmas, seguindo-se vivas sem interrupção até á partida, ao principe D. Carlos, princeza Amelia, el-rei, á rainha, etc., sendo verdadeiramente calorosa e enthusiastica a saudação do povo conimbricense e da academia aos reaes viajantes. A princeza cortejou gentilmente o povo e a academia que a saudava, mostrando-se agradavelmente impressionada com tão imponente manifestação.

Ate ao Entroncamento houve musicas, foguetes e muito povo nas estações de Taveiro, Soure e Pombal. O comboyo chegou ao Entroncamenta á 1 hora e 15 minutos da tarde, isto é, com o atraso de 1 hora e 4 minutos. Era impossivel o transito na *gare* e suas immediações. Estavam alli de 12 a 15:000 pessoas, isto é, os povos de muitas legoas de distancia. Houve aqui uma manifestação verdadeiramente assombrosa. A plataforma da estação, que é muito grande, estava litteralmente apinhada. Para a princeza e senhoras da sua comitiva atravessarem a plataforma para entrarem no toilette, foi dificil abrir caminho.

Quando appareceu a princeza vestida com as côres naciones, soltaram-se vivas delirantes. Mais de duzentas senoras acenaram com os lenços. Um perfeito dilirio. Eram 2 horas e 55 minutos quando o comboyo partiu do Entroncamento. Suas Altezas, para satisfazer a curiosidade publica, e agradecer as manifestações que lhes eram feitas, conservaram-se na plataforma do salão real até o comboyo sair as agulhas.

Em Santarem estava uma guarda d'honra, a banda de artilheria 3 e uma philarmonica, e as principaes auctoridades e immenso povo, que victoriou os principes.

Na estação de Sant'Anna apresentou-se uma commissão do Cartaxo a saudar suas altezas, havendo tambem muito vivas a el-rei e á rainha. Tres crianças vestidas d'azul e branco offereceram-lhe formosissimos *bouquets*; mas, como fosse grande a agglomeração do povo e não podessem subir á plataforma do salão, um empregado da fiscalisação levantou-as á altura da plataforma, sendo muito acariciadas e beijadas pela princeza.

Nas estações de Azambuja, Carregado, Villa Franca, Alhandra, Alverca, Povoa, Sacavem, Olivaes e Poço do Bispo, o comboyo não parou, mas em todas ellas havia musicas, foguetes e embandeiramento. Quando o combyo passou á altura de Sacavem o forte salvou.

Em todo o trajecto, principalmente do Entroncamento até Lisboa, uma quantidade enorme de povo, com os seus trajos de festa, esperava para saudar os régios hospedes. As alturas proximas da linha estavam tambem coroadas de gente.

Emfim, a princeza desde que entrou em Portugal veio debaixo d'uma continuada e enorme ovação até Lisboa. A princeza e sua augusta familia vinham, segundo affirmam todas as pessoas que os acompanhavam, profundamente commovidas com tão brilhante recepção, e na verdade foi das mais brilhantes que se tem feito em Portugal.

* * *

### FEIXE DE NOTICIAS

O *Jornal do Commercio* publica o seguinte retrato da princeza Amelia:

«A princeza Amelia é formosa, mas é mais do que formosa, é sympathica. Tem no rosto aquelle sorriso carinhoso e meigo, que se vê n'algumas photographias que a representam em meio corpo. Os seus olhos escuros, sem serem pretos, são formosos; sem serem muito grandes, são sobretudo intelligentes. O rosto é oval e regular, e a côr da pelle de uma alvura a que os francezes chamam *mate*. O nariz é regular e sem o aquilino que costuma distinguir os Bourbons. A bocca é pequena é graciosa, como se vê nas photographias. O cabello é castanho. A princeza é bastante alta, mas a estatura airosa e a elegancia do porte não fazem parecer aquella altura mais do que regular. A princeza tem uma educação esmerada, tanto pelo lado physico como intellectual. Monta a cavallo e caça com arma de fogo com todo o desembaraço, no que se parece com sua mãe, a condessa de Pariz, que como cavalleira e como caçadora encontra poucos homens com destreza e intrepidez egual á sua. Os mestres que teve a princeza d'aquellas disciplinas elementares, de lettras e sciencias, que formam hoje a instrucção aprimorada das pessoas da sua idade e do seu sexo, gabam a sua intelligencia. Ultimamente, durante os ultimos tres mezes, teve uma mestra de portuguez; já lê e entende perfeitamente, e começa a fallar esta lingua. Se não mente a sua physionomia, nem as poucas pessoas que tem podido viver na intimidade da princeza, as suas qualidades moraes não desdizem das suas qualidades physicas e intellectuaes. Um humor alegre, quasi sempre um bom indicio de caracter, faz realçar as outras qualidades.»

— As testemunhas escolhidas para o consorcio do principe real, são os srs.: Cardeal Bispo do Porto. Presidente do conselho de ministros. Duque de Loulé. Duque de Palmella. Marquez de Ficalho. Marquez de Vianna. Arcebispo primaz de Braga. Conde da Lapa. Presidente da camara dos pares. Presidente da camara dos deputados. Presidente do supremo tribunal de justiça. Presidente do supremo tribunal de guerra e marinha. Commandante geral da armada, Joaquim José de Andrade Pinto. D. Luiz do Mascarenhas, chefe da casa militar de el-rei.

— Os titulares designados para pegar ás varas do pallio na solemnidade do casamento de S. A., são os srs.: Marquezes de Vianna, de Vallada, de Ficalho, de Pombal, de Alvito, de Cezimbra, de Sabugosa, de Bellas, das Minas, de Thomar, de Fronteira e de Angeja.

— Os presentes de noivado, offerecidos á gentil princeza Amelia de Orleans, pela familia real portugueza são os seguintes: Sua magestade el-rei, um grande diadema de brilhantes, além de muitos presentes em objectos de prata d'um alto valor artistico. Sua magestade a rainha, um collar de brilhantes do mesmo genero do diadema. Sua alteza o infante D. Augusto, um broche representando uma aguia de brilhantes, tendo suspenso do bico um valioso solitario. Sua alteza o principe real, um collar de saphiras e brilhantes, riquissimo. Sua alteza o sr. infante D. Affonso, um binocolo com um monogramma de brilhantes.

— E' uma magnifica obra d'arte o leito nupcial dos principes. E' de nogueira no mais puro estylo Luiz XV, e foi construido pelo notavel entalhador portuguez o sr. Leandro Braga. Sob o fundo escuro de nogueira destacam-se uns elegantes recortes dourados a fosco. O leito é largo e bem proporcionado. A cabeceira principal é encimada pelos dois escudos das armas de Bragança e das dos Orléans, amparadas por dois cherubins dourados a ouro brilhante, e dominados pela corôa real em ouro, atravez da qual se vê o velludo carmezim do fôrro. A grande almofada d'esta cabeceira é forrada a seda adamascada, manufacturada na epocha que o leito imita. No meio da cabeceira, dos pés do leito, abre uma linda almofada recortada no genero couraça, no fundo do qual Colombano pintou com a sua conhecida *verve* e mestria dois anjos, um que ri alegre, satisfeito e petulante, outro que fecha os olhos e põe o dedo na bocca recommendando silencio e discripção. Do docel, no mesmo estylo, brilhantemente doirado, tendo o céu forrado a setim azul-claro, pendem riquissimos cortinados de pelucia *veilor*.

— Eis o programma definitivo das festas do casamento:

*Dia 22*—Casamento na egreja de S. Domingos.

*Dia 23*—Recepção no Paço de Belem.—A' noite recita de gala no theatro de S. Carlos.

*Dia 24*—Recepção no Paço da Ajuda.—Jantar da côrte.

*Dia 25*—Revista militar.—A' noite fogo de vistas na Avenida.

*Dia 26*—Corridas de cavallos em Belem.—A' noite, baile no Paço da Ajuda.

*Dia 27*—Toirada.—A' noite, fogo de vistas no Tejo.

*Dia 28*—Corridas de cavallos em Belem e recita de gala no theatro de D. Maria.—Illuminações e fogos na Tapada da Ajuda.

*Dia 29*—Kermesse no Jardim Zoologico.—Saráu do real gymnasio club portuguez.

Primeiros dias de junho.—Recita da opera *I Promessi Sposi*, pelo Club Dramatico Musical, em S. Carlos.

— No vestibulo do paço das Necessidades estão dois livros: um de charão, com embutidos de madreperola, destinado a receber as assignaturas de todas as pessoas que fôrem cumprimentar os principes e as princezas de Orléans; e outro de *chagrin* verde para o principe de Saxe-Cobourg. Os livros teem já muitas assignaturas, dos ministros, corpo diplomatico, grandes do reino, etc., etc. Mr. Billot, embaixador da França, foi tambem hontem alli inscrever o seu nome, prestando assim as suas homenagens aos principes de Orleans.

— O presidente da republica franceza nomeou mr. Billot seu embaixador extraordinario para assistir ás festas do casamento de sua alteza o principe real. Toda a legação fica com a cathegoria de embaixada, e é ámanhã recebida, em audiencia solemne, no paço da Ajuda. Este facto produziu agradabilissima impressão.

— A ultima vez que a princeza de Joinville veiu a Portugal foi para visitar a rainha a sr.ª D. Maria II. Quando entrou no Tejo viu logo nos navios signal de luto, e effectivamente só encontrou no palacio das Necessidades o cadaver da rainha, sua irmã. Esta recordação dolorosa fel-a chorar quando entrou n'aquelle paço.

* * *

### OS PRINCIPES ESTRANGEIROS

#### O CONDE DE PARIS

Nasceu no palacio das Tulherias a 24 de agosto de 1838. E' filho primogenito do malogrado duque de Orleans, que morreu ingloriamente d'uma quéda d'uma carruagem abaixo. Foi a 13 de julho de 1842. Educado por sua mãe, a sr.ª duqueza de Orleans, viuva, sob os mais rigidos principios, bem cedo começaram para o moço principe as provações e os reveses.

Tinha apenas dez annos quando foi deitada á terra a monarchia de julho. A condessa de Orleans, pretendendo empregar um derradeiro esforço para salvar o throno do filho, foi com elle pela mão á camara dos deputados; mas a tempestade popular seguiu atraz d'ella, rugindo, e foi com grande custo que se poude salvar dos impetos da populaça o conde de Paris e a sua arrojada mãe.

Tiveram de se acolher no palacio dos Invalidos, e alli estiveram ainda dois dias, tendo afinal de optar pelo exilio, diante da hostilidade popular, que era crescente.

Foram para Inglaterra, onde estavam tambem exilados os reis, seus avós. [illegible] tabelecia-se mais tarde n'uma pequena ca[illegible] mond, nas margens do Tamisa, a algumas [illegible] distancia de Londres. A educação do conde de Paris foi, nos primeiros annos, feita por professores francezes.

Acompanhado de seus irmãos, percorria frequentes vezes os centros populosos de Inglaterra, visitando estabelecimentos, fabricas, minas. Acompanhado do duque de Aumale, seu tio, e d'um bravo general do notaveis da Europa. Foi assim que viram Nordhingen, e Friburgo, onde o grande Condé tinha Tourenne por immediato; Norwind e Fleurus, que viram passar os exercitos de Luiz XIV e os soldados da Republica; as planices de Palatinato e da Baviera, illustradas por magnificas campanhas de Jourdain e de Moreau.

Já homem, o conde de Paris perdeu sua mãe, e mais desprendido dos laços da familia, emprehendeu uma viagem ate o Egypto, a Syria, Constantinopla e mais tarde até a America, onde ia experimentar as rudes commoções dos campos da batalha.

Uma guerra civil trazia em perigo a existencia da confederação dos Estados Unidos, e outra idéa mais levantada e nobre estava na tela da discussão:—a abolição da escravatura. Ao serviço d'esta causa santa pôz lealmente o conde de Paris a sua espada.

E', para provar o seu reconhecimento por este leal auxilio que os Estados-Unidos se lembraram agora de enviar expressamente um navio ás aguas do Tejo.

As guerras na America são terriveis, e n'ellas provou o historiador que mais tarde havia de as commemorar, que não era só um homem de estudo, mas um homem de acção.

O general Mac-Clellan, heroe glorioso d'aquellas luctas deixou feita, n'uma carta memoravel, a apologia militar dos dois Orleans que n'ellas entraram com uma coragem a toda a prova.

Regressou o conde de Paris em 1862 a Inglaterra, e a 30 de maio de 1865 desposava a princeza Izabel d'Orleans sua prima, filha do duque de Montpensier.

Entrando n'uma vida menos agitada, e vivendo n'um foco industrial como é a Inglaterra, o conde de Paris sentiu-se attrahido pelos estudos economicos, e em 1868 publicava sobre a organisação e historia das sociedades um livro muito interessante. N'este livro o conde de Paris mostra-se um partidario convicto da liberdade politica.

Em Inglaterra fixara a sua residencia, em seguida ao seu casamento, em York-House, na cidade de Twickenham, não muito longe de Orleans-House, residencia do duque de Aumale.

Ahi esteve até regressar á patria; alli lhe nasceram quatro filhos e alli finalmente começou a sua historia da guerra civil na America, muito exacta e abundantissima em factos. Esta obra ficou concluida ha dois annos e tanto.

Em 1871 eram-lhe abertas as portas da França, e a republica dava-lhe posse, como aos seus parentes, dos bens que em 1852 lhes haviam sido confiscados.

Foi assim que entrou de novo na posse do castello d'Eu, onde passou a viver, e d'onde partiu em 1873 para visitar o conde de Chambord, realisando a conciliação desejada. Reconhecendo porem os direitos do conde de Chambord, declarou comtudo que não renegava os seus principios liberaes.

Em Eu tem passado os seus ultimos annos, tão serenos, empregados no estudo, no trabalho e na educação dos seus filhos.

Depois das obras que fez n'aquella propriedade, o palacio e o parque, que é dos mais bellos da França, melhoraram consideravelmente.

O conde de Paris instituiu nos prados que lhe pertenciam um campo de tiro para a guarnição, e contribuiu immenso para as obras dos melhoramentos do porto de Treport.

E toda a sua familia representa para o povo d'aquellas localidades uma verdadeira providencia, pela grande somma de beneficios que espalham quotidianamente.

### [illegible] PRINCEZA DE JOINVILLE

[illegible]' filha de D. Pedro I, imperador do [illegible]zil, e da archiduqueza Maria Leopol[illegible]na, e irmã por conseguinte do actual imperador do Brazil, e tia avó do principe D. Carlos. Casou no Rio de Janeiro com o principe de Joinville em 1843.

D. Francisca Carolina, princeza de Joinville, nasceu a 2 de agosto de 1824, e conta portanto hoje perto de 62 annos de edade. Tem dois filhos: o duque de Penthiévre, Pedro Filippe João Maria d'Orleans, que nasceu a 4 de novembro de 1845, e Francisca Maria Amelia, que nasceu a 14 de agosto de 1844 e casou a 11 de junho de 1863 com seu primo o duque de Chartres.

### DUQUE D'AUMALE

Henrique Eugenio Filippe Luiz d'Orleans, é o 4.º filho do rei Luiz Filippe e da rainha Maria Amelia, e nasceu a 16 de fevereiro de 1822. Juntamente com outros principes da sua casa, foi educado no collegio de Henrique IV, onde cursou humanidades com distincção, e obteve alguns premios.

Entrou aos 17 annos nas fileiras do exercito. Dirigiu por algum tempo a escola de tiro em Vincennes, e era promovido a capitão em 1839.

Estando ás ordens de seu irmão, o duque de Orleans, tomou parte em varias acções, fazendo as suas primeiras armas em Affrun, Muzaia e no Horto das Oliveiras. N'esse anno foi promovido a chefe de batalhão e tenente-coronel, e passou a servir ás ordens dos generaes Bougeaud e Baragney d'Hilliers.

Tendo de entrar em Paris em 1841, á frente do 17.º batalhão, elle que atravessára a França no meio de ovações, esteve para ser victima d'um attentado a 13 de setembro.

Completou em Courbevoie a sua educação militar, e em 1842 era promovido a marechal-de campo, embarcando para Algeria, onde, á frente da sub-divisão de Medeah, se tornou notavel em varias acções, sendo a mais importante a que o poz de posse da *smala* de Abd-el-Kader, acampado nos arredores de Gudjilah, assenhoreando-se de uma grande quantidade de gado, 4 bandeiras, 3:600 prisioneiros, a correspondencia e o thesouro do emir. Foi isto em 16 de maio de 1843. Em outubro d'esse anno era por esse feito heroico elevado ao posto de tenente-general, com o commando superior na provincia de Constantina.

Em 1844 dirigiu a expedição de Biskara e distinguia-se nas campanhas contra os Ziban e os Ouled-sultão.

No mesmo anno, a 25 de novembro, esposava uma filha do principe Leopoldo de Salerna, Maria Carolina Augusta de Bourbon, que tinha então 22 annos de edade.

Em 1846, depois de ter concorrido para a pacificação do Kabylas do Oua-[illegible] onde assistia [illegible]o do duque de Montpens er. [illegible]847 era nomeado governador geral das possessões francezas em Africa, e, no meio de geraes sympathias do exercito, exerceu em Argel uma especie de vice-reinado, que levantou grandes attrictos, erguendo-se no parlamento a voz de Guizot para o defender. Isto foi em 1848.

O facto mais sympathico talvez da [illegible]gou a Algeria a noticia da revolução de fevereiro. O duque de Aumale, recommendando á colonia que esperasse tranquillamente as ordens da metropole, entregava espontaneamente o governo ao geral Cavaignac, dirigindo ao exercito palavras dignas e graves, e, na companhia do principe e da princeza de Joinville, dirigia-se para Gibraltar e d'ahi para Inglaterra. Em maio de 1855 protestava com a principe de Joinville, contra a proscripção decretada contra a sua familia.

Durante o seu exilio, em que residia ora em Claremont, ora em Tuxickedham, chamou diversas vezes sobre si a attenção pelos escriptos que publicou. Em 1855 publicou um artigo sobre os *Zuavos* na *Revista dos Dois Mundos*, e outro sobre os *Caçadores a pé*. Era já n'esse tempo conhecido pelos seus trabalhos sobre o *Captiveiro do rei João* e sobre o *Cerco de Alesia*.

Em 1861 publicava uma brochura, dedicada ao principe Napoleão, o titulo *Carta sobre a historia da França*, critica aspera do governo imperial, que lhe valeu ser leva la aos tribunaes a brochura, sendo condemnados o editor e o impressor, aquelle a um anno de prizão e 5:000 francos de multa, este á mesma multa e seis mezes de prisão.

Em 1862 começou a publicar em Paris uma *Historia dos principes de Condé*, em que o duque de Aumale trabalhava havia muito tempo. Antes mesmo de completa a tiragem, os exemplares eram apprehendidos, e o duque reclamava perante os tribunaes, sem obter solução. Só quatro annos mais tarde é que o ministro do interior entregava os livros ao editor, consentindo que fossem postos á venda. Em abril de 1869 era a obra dada a publico em 2 volumes.

Antes d'isso, em 1867, publicava na *Revista dos Dois mundos* um estudo intitulado —*Instituições militares da França*, e outro *A Austria;* e em 1868 era-lhe attribuida uma brochura intitulada *»O que fizeram da França?»*

Em 8 de fevereiro de 1871, por occasião das eleições para a assembléa nacional, o duque d'Aumale, que em vão havia solicitado, como os outros principes da sua familia, auctorisação para servir no exercito francez, dirigiu de Londres aos eleitores do Oise uma proclamação em que, ao passo que affirmava as suas preferencias pela monarchia constitucional, se declarava, comtudo, prompto a curvar-se perante a soberania nacional, aceitando a republica liberal como fórma de governo. Foi então eleito representante do Oise; mas só a 8 de junho elle podia entrar em França, visto subsistirem as leis de proscripção, sendo a sua eleição validada por grande maioria; mas em vista da situação politica do paiz e a pedido de Thiers, renunciou, como o principe de Joinville, ao seu mandato. Quando Thiers foi eleito presidente da republica, pediram os principes para se desligarem da sua palavra, tomando então Aumale assento na assembleia, dando desde logo origem a vivos debates.

Em 1872 era reintegrado no posto de general de divisão, no exercito activo, e por occasião de se discutir a lei sobre a constituição do conselho de guerra que devia julgar Bazaine, o duque subindo pela primeira vez á tribuna, confirmou essa nomeação declarando que «estava prompto a cumprir o seu dever de soldado, por mais penoso que elle fosse.» N'um discurso que alguns dias depois pronunciava ácerca da reorganisação do exercito, a invocação que elle fazia á bandeira tricolor, como «symbolo da gloria, da concordia e da união,» foi reputado como um protesto contra o manifesto legitimista de Antuerpia.

Foi o duque d'Aumale quem prezidiu, com grande tacto e energia, ao processo Bazaine, e um pormenor curioso: tendo pedido, para fazer juizo seguro, que lhe fosse concedido visitar a praça de Metz, e sendo este pedido communicado ao governo allemão pelo ministerio da guerra francez, foi-lhe recusada essa auctorisação, apezar da promessa feita pelo duque de guardar o mais rigoroso incognito.

Sendo nomeado commandante do setimo corpo de exercito em 28 de setembro de 1873, quiz renunciar ao seu cargo de representante do paiz; mas dissuadido pelos seus amigos, resolveu conservar a mais absoluta reserva, e a attitude mais correcta.

Tambem se poz de parte completamente dos planos que no outomno d'esse anno tramavam os partidos realistas para o estabelecimento d'uma monarchia legitimista.

Mais tarde chegou-se mesmo a aventar, entre os seus partidarios, a idéa de que o elegesse presidente da republica, por uma especie de *stathoudérato*.

Em 1875, pela demissão de Mac-Mahon, era o duque collocado de novo á frente de um corpo, e nomeado inspector geral dos corpos do exercito.

O duque de Aumale foi eleito socio da academia franceza a 30 de novembro de 1871, em substituição de Montalembert, por 28 votos dos 22 votantes, e recebido em sessão solemne, só a 3 de abril de 1873.

Tinham-se levantado duvidas sobre se o recipilendario teria do academico encarregado de o receber, o tratamento de *monsenhor*, segundo o uso nas relações sociaes, ou simplesmente *monsieur*, segundo a tradicção academica. Foi a tradicção academica que prevaleceu a pedido do principe.

No mesmo anno era tambem eleito director da academia de Besançon em conformidade com os estatutos, na sua qualidade de commandante em chefe das forças militares da provincia. E' tambem presidente da sociedade franceza dos bibliophilos, que conta apenas 24 membros.

E' desde os 20 annos grã-cruz da Legião de Honra, cathegoria que a republica, conjunctamente com outros direitos, lhe restituiu, pois que fôra riscado da lista dos legionarios no tempo do imperio.

Em 1872 publicou o seu dicurso sobre a reorganisação do exercito, pronunciado em 28 de maio de 1872.

O duque de Aumale era casado com a princeza Maria Carolina Augusta de Bourbon, que lhe deu dois filhos: Luiz Filippe Maria Leopoldo de Orleans, principe de Condé, que morreu com 20 annos em Sydney, Australia, em setembro de 1866, e Francisco Luiz Maria Filippe de Orleans, duque de Guise, que nasceu a 5 de fevereiro de 1854, e que tendo estado para morrer n'uma caçada, veio fallecer depois, de uma febre scarlatina a 22 de julho de 1872.

### DUQUE DE CHARTRES

Roberto Filippe Luiz Eugenio Fernando de Orleans, duque de Chartres, é o filho segundo de Orleans, e da princeza Helena, irmão pela parte paterna do conde de Paris. Nasceu a 9 de novembro de 1840, em Paris; foi educado na Allemanha, na pequena cidade de Eiserach, e refugiou-se mais tarde em Inglaterra, junto da familia de seu pae. Em 1860 fez com o conde de Paris uma viagem ao Libano, e, em seguida, partiu para a America, onde acabava de rebentar a guerra da successão. Entrou como capitão de estado maior no exercito de Mac-Clellan, fez a campanha do Potomac, assistiu a muitos cêrcos, e depois deu a sua demissão em 1863. Assignou, em junho de 1870, quando foi apresentado *nas côrtes de França* a proposta para a revogação das leis do exilio, uma petição aos deputados sobre o mesmo assumpto. Tambem solicitou em vão, n'essa occasião, licença para servir no exercito activo. Depois da revolução de 4 de setembro, veio incognito a Paris com os principes da sua familia offerecer os seus serviçoz ao governo da defeza, mas, reconhecendo que a sua presença podia comprometter a ordem publica, voltou para Inglaterra.

Mais tarde era admittido no exercito de Chanzy como capitão, com o pseudonimo trasparente de Roberto le Fort, e distinguiu-se durante a campanha, sendo condecorado com a Legião d'Honra, e, tendo sido abrogadas es leis do exilio, foi por Thiers nomeado chefe de esquadrão e auctorisado a servir sem soldo no exercito francez. Foi provido a tenente-coronel em fevereiro de 1875 e a coronel em 1878.

O duque de Chartres publicou em 1869, sob o titulo de *Recordações de Viagens*, a relação d'uma visita que fez aos campos de batalha do valle do Rheno; e, em 1870, uma introducção ás *Campanhas do exercito d'Africa* de 1835 a 1839, obra posthuma do duque d'Orleans.

Cosou, em junho de 1863, em Kingston, sobre o Tamisa, com sua prima a princeza Francisca Maria Amelia de Orleans, filha do principe de Joinville. Teve tres filhos: o principe Roberto Francisco; Maria Amelia d'Orleans, que nasceu a 11 de janeiro de 1866, e o principe Henrique Filippe Maria, que nasceu a 16 de outubro de 1867.

O duque de Chartres é o que se chama um verdadeiro official de cavallaria. Define-o no seguinte trecho o escriptor Yriarte:

«E' alto, delegado, agil, de gesto vivaz, *entraîné* moral e phisicamente. E' um official de cavallaria que necessita da vida do campo, das suas surpresas, das suas surprezas, dos seus perigos, da sua gloria, do movimento incessante, das intemperies, e mesmo até da rija disciplina, na qual se acha perfeitamente á vontade.»

### O DUQUE DE AOSTA

E' filho de Victor Manuel, irmão, por conseguinte, da rainha D. Maria Pia. Nasceu a 30 de maio de 1845; e, herdeiro de uma honrosa tradição guerreira da familia, entrou na batalha de Custoza, em 1866, onde deu provas de incontestavel valor, sendo ferido na cabeça, á frente da sua divisão. Em 1867 casou com a princeza della Cisterna.

A 4 de dezembro de 1870 foi chamado a sentar-se no throno de Hespanha, abdicando em 11 de fevereiro de 1873; e, no curto espaço de tempo que esteve á frente dos destinos do visinho reino, deu provas do seu amor pela liberdade, da sua elevação de sentimentos, e, sobretudo, da independencia do seu caracter.

Em Hespanha teve ensejo de manifestar o seu grande valor e sangue frio, como, por exemplo; a 18 de julho de 1872, quando, na rua do Arsenal, em Madrid, foi cobardemente atacado por um bando de allucinados, de trabuco e naifa em punho. A coragem com que em seguida se apresentou nas ruas da cidade, e realisou a viagem que já havia resolvido fazer pelas provincias, ficaram memoraveis no paiz visinho.

A renuncia ao throno de Hespanha é talvez o acto mais caracteristico da vida do ex-monarcha hespanhol.

A sua proclamação de 11 de fevereiro de 1873, é nobre e eloquente na sua simplicidade. Dizia o monarcha, ao despedir-se, que fôra para elle grande honra reger os destinos d'aquelle paiz; mas que o vira sempre abalado. Imaginara que a sua lealdade e boa vontade fariam alguma coisa, mas enganara-se. A Hespanha vivia sempre n'uma guerra continua. Ainda se os inimigos fossem estrangeiros, a sua obrigação seria ficar: mas eram hespanhoes que entre si esfacelavam. Não queria ser rei d'um partido, mas de uma nação, nem queria proceder illegalmente, por isso renunciava de bom grado á corôa para si, e para os seus filhos e successores.

* * *

### OS DUQUES DE BRAGANÇA

Eram os duques de Bragança verdadeiros monarchas nas suas terras, e viviam á lei da realeza.

O seu primitivo estado e patrimonio se formou dos bens e terras, com que o condestavel D. Nuno Alves Pereira dotou sua filha D. Brites, para haver de casar com D. Affonso, filho natural de el-rei D. João I, e das terras e bens com que este dotou o filho, concedendo lhe o mero e mixto imperio, todos os fóros e isenções, regalias e privilegios, como se elle proprio fosse.

Teve mais a casa de Bragança o senhorio de [illegible] forte, Penella, Alter do Chão, ilha do Corvo, e a mercê da cidade do Porto, que não chegou a realisar-se.

O padroado ecclesiastico abrangia a collegiada de Santa Maria, de Guimarães, uma das mais privilegiadas das Hespanhas; a collegiada de Barcellos; apresentava 80 egrejas e muitas d'ellas bem pingues; 41 commendas; o padroado de differentes matrizes e conventos.

No secular, provia 18 alcaidarias-móres, 4 ouvidorias, comprehendendo 1:300 officios de justiça e fazenda.

Eram duques de Bragança, de Barcellos, e de Guimarães; marquezes de Valença e Villa Viçosa; condes de Ourem, Arrayolos, Neiva, Faro e Faria, Penafiel; e senhores de Monforte, Alegrete, Villa do Conde e outros logares.

Possuiam, além da cidade de Bragança, 21 villas das melhores, afóra os logares, que eram infinitos; só no termo de Chaves, tinham 187 logares, e no de Bragança 202, e as villas de Guimarães, Montemór-o-Novo, Almada, Vidigueira, etc. Em 1640 tinha o duque mais de 80:000 vassallos.

Os duques não recebiam o titulo de conselheiros de estado, mas quando vinham á corte eram sempre chamados a conselho, nos negocios graves; e tinham direito de entrar, ainda que não tivessem sido convocados.

Tinham os duques estado para o seu serviço á maneira da casa real, tendo em sua casa os mesmos fóros de fidalgos cavalleiros, escudeiros e moços da camara que os reis tinham; e o rei nomeava os criados do duque pelos mesmos titulos que tinham na casa dos duques.

Se os duques jantavam á mesa do rei, eram servidos pelos seus proprios officiaes, e não pelos do rei.

Usavam de arautos com cotas de armas, e de porteiros da maça.

No paço, os officiaes dos duques tinham as mesmas preeminencias que os officiaes da casa real, e eram sempre pessoas da primeira grandeza, e da sua casa sahiam para os principaes cargos do reino.

Martim Affonso de Sousa, governador da India, D. Aleixo de Menezes, aio de el-rei D. Sebastião, Francisco de Lucena, secretario de estado, e outros, foram criados dos duques de Bragança.

A capella do paço ducal gosava dos mesmos privilegios e graças apostolicas da capella real, e as ceremonias com os duques eram as mesmas que se usavam com os reis.

Quando os duques visitavam os reis, estes se levantavam e adiantavam-se dois passos para os receberem, e não consentiam que lhes beijassem a mão.

O primogenito da casa, o duque de Barcellos, gosava das mesmas honras.

A etiqueta no palacio ducal era em tudo egual á da côrte.

O veador tinha sob seu governo 120 pessoas, que eram officiaes da mesa, ucharia, servidores da toalha, escrivães da cosinha, aposentador, comprador, cevadeiro, moços dos officios, moços da camara, las tochas, recados, etc., reposteiros, peteiros da canna, arautos e passavantes mariscal, que entendia no serviço das azmolas, azemeis, charamelas, trombetas osinheiros.

O duque, quando ia á caça, levava uma omitiva de 120 pessoas, incluindo 24 cavalleiros da guarda da pessoa do duque e o pagem da lança.

* * *

### BODAS REAES

Depois que a liberdade alvoreceu em Portugal nem uma só das bodas reaes que se tem realisado entre nós, attingiu o esplendor do casamento de S. A. o principe D. Carlos, e o enthusiasmo e regosijo nacional tomou as proporções verdadeiramente grandiosas que agora toma. Esta nossa affirmativa não póde ser posta em duvida, pois basea-se em documentos coévos—nos jornaes do tempo, a que fomos pedir a descripção dos festejos por occasião dos consorcios, da rainha a sr.ª D. Maria II, e o de el-rei D. Pedro V, e o de el-rei D. Luiz I.

«*Lisboa 8 d'abril de 1836*.

Chegou finalmente a esta capital S. A. R. o principe D. Fernando, o escolhido esposo da nossa adorada Rainha.

Logo que se avistou o vapor, que conduzia a seu bordo S. A. R. romperam as fortaezas as devidas salvas, que foram seguidas por todos os vasos de guerra nacionaes e estrangeiros surtos no Tejo, e que se achavam todos embandeirados. O vapor fundeou em frente do Terreiro do Paço pelas duas horas, e alli S. A. R. recebeu os ministros de estado, duques da Terceira e Palmella, marquez de Saldanha, e muitas pessoas de distincção. Foi só pelas 3 horas que S. A. R. desembarcou no arsenal, onde estavam os coches reaes, que deviam conduzir aquelle joven principe ao palacio de S. M. F., achando-se alli egualmente postado o batalhão 5.º de caçadores como guarda de honra.

Tanto dentro, como nas immediações do arsenal, se achava um grande concurso de povo, e apenas S. A. desembarcou soaram as acclamações á Carta Constitucional, a S. A., e á nossa adorada Rainha. Entrado no coche com s. s. ex.as os marquezes de Lavradio, e Santa Iria, redobraram as acclamações a que S. A. correspondeu com a maior affabilidade. O coche seguinte conduzia um official hussar, seu ajudante, seu camarista, e seu medico, e uma outra personagem. S. A. dirigiu-se ao palacio das Necessidades onde se achava tudo disposto para a recepção.

*

*Idem 9*.

Hoje teve logar a ratificação do consorcio de S. M. F. a senhora D. Maria II, com S. A. R. o principe Fernando Augusto de Saxonia Coburgo-Gotha, com a maior pompa e solemnidade, e no meio do mais vivo enthusiasmo, e manifesta satisfação de todos os habitantes d'esta capital, que, bem como todos os portuguezes, anhelavam por esta ditosa união, que pondo fim ás ridiculas esperanças dos mal intencionados, nos promette perpetuidade, a linha primogenita da casa de Bragança, e com ella a monarchia constitucional.

Areadas todas as ruas do transito, e occupadas em toda a sua extensão pelos patrioticos batalhões da guarda nacional, batalhões provisorios, e corpos de linha, todos no maior aceio, e boa ordem; pelas 11 horas em ponto, desceu S. A. R. de bordo do vapor *Manchester*, para onde hontem á noite havia voltado outra vez, como dissemos: uma salva real de todas as embarcações de guerra e fortalezas maritimas, annunciou este momento. S. A. R. se dirigiu na galeota real, rodeada por um grande numero de escaleres e lanchas, vogando mansamente, até ao caes das columnas, que se achava vistosamente areado e alcatifado, e onde o receberam a camara municipal de Lisboa, e grande numero de officiaes, e pessoas de distincção. No meio d'este nobre cortejo se dirigiu S. A. R. á barraca ricamente ornada que para este fim havia sido levantada em a Praça do Commercio, junto ao mesmo caes. Uma salva do castello de S. Jorge annunciou o momento em que S. A. R. poz pé em terra.

Depois de haver recebido os espeitos e usuaes comprimentos da camara municipal, e mais pessoas que o esperavam, entrou S. A. em o coche real, que alli o esperava; e precedido de outros tres, em que hiam as pessoas de seu sequito e serviço, e seguido por um esquadrão de cavallaria se pôz o cortejo em marcha para a egreja da Sé. Era tão grande o concurso de expectadores, que desde muito tempo enchia o cáes do desembarque e praça do commercio: e tal a anciedade e desejo que todos tinham de vêr de perto a pessoa do principe, que a muito custo podia o coche romper por entre a multidão, que carregava sobre elle. Todo o povo saudava e applaudia a S. A. R. com tão cordeal enthusiasmo, e S. A. cortejava o povo e correspondia a seus obsequios com tanta graça e affabilidade, que principe e povo ficaram intimamente penhorados d'esta mutua recepção.

No mesmo momento em que o principe D. Fernando descia do vapor para a galeota subia S. M. F. para o coche e sahia do palacio das Necessidades ao meio do seu pomposo cortejo. Rompeam a marcha de batedores da cavallaria da guarda nacional; seguia-se uma guarda de subalternos do mesmo corpo; 6 moços da estribeira; 2 azemeis com os degráus; os reis d'armas, arautas e passavantes, & c., tudo pela forma ordenada no programma. Quatro coches dos mais ricos da casa real, em que hiam os guardas-roupas e camaristas, e damas de S. M. F., e o seu mordomo, e estribeiro-móres precediam aquelle em que ia S. M. com a camareira-mór, e dama de serviço. Seguia-se a guarda real dos archeiros, e apoz esta um esquadrão da cavallaria da guarda nacional, e outro do 2.º regimento de lanceiros, quatro coches d'estado fechavam a marcha.

Chegando á Sé o cortejo de S. M. veiu S. A. R. o principe D. Fernando, recebe-la, e no meio de todos os grandes do reino, conselheiros e ministros d'estado, deputações das duas camaras, officiaes-móres da casa real, titulares, generaes, conselheiros, tribunaes, e mais pessoas de distincção a quem competia, subiram os dois augustos esposos ao templo, a cuja porta, tendo tomado logar foram recebidos debaixo do palio pelo cardeal patriarcha, e no interior da egreja por S. M. I. a senhora duqueza de Bragança, e Suas Altezas a princeza Amelia, e infanta D. Izabel Maria.

Seguiram-se as ceremonias ecclesiasticas, como se acha prescripto no programma; findas as quaes se recolheu o pomposo prestito ao palacio das Necessidades; reunidos ambos os dois cortejos, e indo já S. M. a rainha só com seu augusto esposo, em o coche real.

Era innumeravel a multidão de povo que tinha concorrido a presenciar este faustissimo acto, todas as ruas estavam apinhadas de povo, e as janellas guarnecidas de senhoras vestidas no melhor gosto e riqueza. Era por todo o transito uma encantadora prespectiva.

Todos os corpos foram passar em continencia em frente do palacio das Necessidades, em cujas janellas Suas Magestades e Altezas assistiram a este acto, recebendo ao mesmo tempo, e ainda por muito tempo depois, os vivas e acclamações do immenso povo que alli havia concorrido, e que se não cançava de vêr o novo esposo, cuja bella presença e graciosas maneiras attrahiam todas as attenções. Era já muito noite e ainda o largo em frente do palacio estava cheio de povo.

Repetidas salvas de artilheria marcaram o principio e fim d'este dia, assim como os actos que n'elle se passáram. A' noite illuminou-se toda a cidade.

*

*Lisboa 19 de maio de 1858*.

Hontem fez a sua entrada solemne em Lisboa S. M. a Rainha a sr.ª D. Estephania.

Perto das 10 horas S. M. El-Rei o sr. D. Pedro V, em gala, precedido dos officiaes da sua casa, damas das senhoras infantas, de S. M. a Rainha, e de SS. AA. os seus augustos irmãos e acompanhado por S. M. El-Rei o sr. D. Fernando, veiu embarcar no Terreiro do Paço, para ir buscar S. M. a Rainha a bordo da fragata real, que ficára fundeada defronte do palacio das Necessidades, achando-se em redor fundeadas as embarcações de guerra inglezas e brazileiras.

As tropas estavam postadas em alas na conformidade do programma. Desde pela manhã cedo começeu o povo a encher as ruas do transito, e as janellas ornaram-se de senhoras elegantemente vestidas.

Um numero infinito de toda a qualidade de barcos estava junto do caes das Columnas, e muitos d'elles acompanharam as galeotas em que embarcaram El-Rei, a familia real e as pessoas da sua comitiva.

As pessoas que tomaram posição nas ruas, nos palanques, e nas janellas não poderam admirar a parte mais pittoresca do festejo de hontem, que foi a passagem de S. M. a Rainha da fragata real para bergantim, e a sua vinda para terra.

As embarcações reunidas, o grande numero de botes e escaleres espalhados em redor da fragata, e movimento de muitos outros que velozes corriam a tomar logar nas alas junto ao caes das Columnas, formavam um espectaculo em que rarissimas cidades poderá gozar-se como em Lisboa.

N'aquella hora que seriam 10 e meia, apenas soprava uma brisa ligeira, e o Tejo parecia um lago.

O real cortejo naval encaminhou-se para o caes das Columnas ao som do estrepido da artilheria, e dos vivas tripolações, e dos espectadores agglomerados nos barcos.

No desembarque e na recepção de S. M. El-Rei o sr. D. Pedro V, e de S. M. a Rainha sua augusta esposa observou-se á risca o que estava prescripto no programma.

Era difficil o transito nas ruas por onde devia passar o cortejo; os moradores na maior parte haviam ornado as suas janellas com colchas e pannos de damasco.

Precediam o estado real perto de duzentas carroagens conduzindo os altos funccionarios e a côrte para o templo de Santa Justa.

Eram onze os coches de estado, dez antigos e um moderno. El-Rei o sr. D. Fernando ia com as senhoras infantas, suas augustas filhas. E com SS. MM. os reaes noivos ia S. A. o principe Leopoldo, irmão da augusta consorte.

O serenissimo infante D. João commandava o regimento provisorio de cavallaria.

Suas Magestades chegaram ao templo de Santa Junta pela uma hora e meia; ahi se celebram as ceremonias da benção nupcial e se cantou um solemne *Te-Deum*, composição do sr. Manuel Inocencio dos Santos.

Eram perto de tres horas quando Suas Magestades sairam do templo, e se dirigiram para o paço, indo só o estado da casa real.

Toda a tropa marchou atraz do cortejo e foi marchar em continencia pela frente do Paço das Necessidades.

Eram quasi cinco horas da tarde quando acabou o festejo da manhã de hontem:

Mais de cento e cincoenta mil pessoas vieram presenciar a entrada solemne na capital da augusta consorte de S. M. El-Rei o sr. D. Pedro V; nos rostos de todos se divisava a alegria, e todos testimunhavam pelo modo mais evidente quanto lhes era grata a presença gentil e amavel da joven Rainha.

S. M. parece antes ser filha d'estas regiões meridionaes, que dos climas do norte; a sua physionomia em extremo graciosa e bella pode dizer-se peninsular; os seus olhos são formosos, os seus cabellos castanhos. Ha no seu rosto uma graça, uma affabilidade tão insinuantes, e nas suas maneiras tanta delicadeza e cortezia que desde logo captivou as sympathias.

S. M. vestia de branco; as mais preciosas rendas ornavam o seu vestido, e tinha enfeites de murta e flor de larangeira; cingia-lhe a graciosa fronte um riquissimo diadema, que prendia a um ramo de murta; levava no peito um ramo de flor de larangeira, e trazia a ordem de Santa Izabel. Da cabeça lhe pendia um véo de custosissima renda.

Todo o povo deu os mais significativos testemunhos de respeito e da mais cordeal sympathia pelas pessoas de SS. MM. Por differentes vezes romperam enthusiasticos vivas aos régios noivos. De muitas janellas as senhoras lançavam flores sobre o coche real. Emfim, S. M. a Rainha devia ficar satisfeita com a recepção que lhe fez este bom povo; e ao coração d'El-Rei devia ser sobremodo grato ver como os seus subditos saudavam este jubiloso successo da sua vida.

O coche em que ia El-Rei o sr. D. Fernando e suas augustas filhas, é dos dous que agora foram restaurados. E' o mais elegante e mais completo de todos, posto que não o mais sumptuoso. Este coche mandou-o de presente o papa Clemente XI, em 1715, a El-Rei D. João V na occasião em que enviou ao principe do Brazil o sr. D. José, depois rei, a *Faxa Benta*.

O outro coche agora restaurado é aquelle em que iam o mordomo-mór e o estribeiro-mór. Trouxe-o para Portugal a sr.ª Rainha D. Maria Francisca Izabel de Saboya, mulher do sr. Rei D. Affonso VI. No painel do fundo da caixa lá se vê o retrato d'aquella Rainha sentada de corôa, sceptro e manto real, no meio de diversas figuras allegoricas, appoiando-se uma d'ellas em um escudo com flores de liz, antigo brasão da familia real de França. Este coche tem excellente pinturas, e é de elegante fórma.

O *Te-Deum* que hontem foi executado na egreja de Santa Justa, por 72 instrumentistas e 60 vozes, incluindo oito de mulheres, tem um solo notavel do soprano *(Te Ergo)*, com acompanhamento obrigado e trompa, o qual foi cantado pela sr.ª Lisboa. A trompa era o sr. Wagner.

O *Tantum ergo*, com acompanhamento obrigado a duas harpas, é excellente composição.

A illuminação municipal não produziu o effeito que se esperava. Os vidros de côres nada brilham. O Terreiro do Paço está escuro, e o mesmo succedia ao Rocio se não fosse a brilhante illuminação do theatro de D. Maria. Além das fileiras de lanternas que desenham as principaes linhas do edificio, tem nos quatro candelabros d'ao pé do portico outros tantos grandes fachos de gaz, e no centro e cifra real, e sobreposta uma corôa, tudo a gaz.

E' singela, mas vistosa, a illuminação da porta interior da companhia do gaz.

A do Arsenal está bem disposta; além da porta d'entrada tem dos lados os escudos das armas portuguezas nos tempos dos diversos reis, e os da casa de Bragança, em transparentes.

Rarissimos foram os habitantes que não pozeram luminarias.

Foi numerosissima a concorrencia do povo esta noite a ver illuminações. Via-se gente de todas as classes. No Terreiro do Paço estavam as duas bandas de 4 e 14. No Passeio não houve musica.

Percorreram as ruas algumas danças e musica populares.

A's bençãos nupciaes de El-Rei assistiram oito cabeças mitradas, o patriarcha de Lisboa, o arcebispo primaz de Braga, o bispo do Porto, o bispo de Beja, o bispo do Algarve, o bispo de Cabo Verde, o bispo de Angra (resignatario).

*

O casamento de sua magestade el-rei o sr. D. Luiz I com a sr.ª D. Maria Pia de Saboya, celebrou-se a 6 de outubro de 1862, em S. Domingos.

No dia 5 entrou em Lisboa por mar a excelsa filha de Victor Manuel, que vinha na corveta *Bartholomeu Dias*. A esquadra que a acompanhava compunha-se da *Estephania* e da *Sagres*, das fragatas italianas *Maria Adelaide*, *Duca di Genova* e do aviso *Anthon*. O principe Humberto vinha a bordo da *Maria Adelaide*.

A's 10 horas saiu do Tejo uma esquadrilha de vapores mercantes e de guerra, que se foi encontrar em Cascaes com a esquadra que conduzia a futura rainha rainha de Portugal.

A's 3 horas, el-rei embarcando no caes de Belem, na grande galeota de 40 remadores, dirigiu-se a bordo da *Bartholomeu Dias* a visitar a sua noiva. Demorou-se ali até depois das sete horas.

No dia 6, ás 9 horas e meia da manhã, saiu o cortejo do paço da Ajuda, mas por um desastre succedido com uma das carruagens só chegou ao meio dia á Praça do Commercio.

El-rei embarcou no bergantim real de 60 remos, indo buscar a sua esposa a bordo da *Bartholomeu Dias*. Tanto na ida como na volta, salvaram as embarcações e as fortalezas.

Sua magestade a rainha foi recebida no Caes das Columnas debaixo do pallio pela camara municipal. Por esta occasião foi-lhe entregue por uma deputação da Associação dos artistas lisbonenses um magnifico ramo de flores artificiaes, obra do insigne florista portuguez Constantino.

Uma hora depois do desembarque, tendo desfilado já para a egreja de S. Domingos mais de 300 carruagens, sairam da Praça do Commercio, ao som de calorosos vivas da enorme multidão, os treze coches de gala.

A's 3 horas chegou o cortejo á egreja de S. Domingos, seguido por uma brigada de cavallaria na força de 700 cavallos, composta pelos regimentos 2 e 4 e contingentes do 1, 5 e 8.

Em S. Domingos, as ceremonias religiosas duraram perto de 2 horas. As tropas formadas na rua do Ouro e no lado occidental na praça de D. Pedro, mudaram de posição e vieram formar ao lado oriental d'esta praça em toda a rua Augusta, apoiando-se a direita da linha na egreja.

Pouco antes das 5 horas da tarde, o cortejo saiu do templo e encaminhou-se novamente para a Praça do Commercio. Os regios consortes entraram no pavilhão e ahi rodeados da côrte e pela guarda real dos archeiros, esperaram a passagem das tropas em marcha de continencia. Todas as bandas regimentaes, constituindo uma só, composta de mais de 260 musicos, formaram defronte do pavilhão e ahi tocaram, emquanto as tropas desfilaram em frente.

A's 6 horas terminou o desfilar, saindo os regios esposos para a Ajuda acompanhados por toda a cavallaria, que foi seguindo os coches.

* * *

### PALACIOS DE BELEM E DAS NECESSIDADES

Tem quatro faces o palacio real de Belem; a principal olha para o Tejo e cae sobre um vastissimo jardim; as duas faces lateraes deitam para dois espaçosos pateos, e a do lado do norte dá sobre a quinta.

Consta de cinco corpos a fachada principal, resaltando symetralmente uns dos outros e sendo o do centro o mais recolhido. Tem dois pavimentos, o terreo e o nobre. A' frente d'este está uma larga varanda de pedra guarnecida de balaustrada com escadas para o jardim.

Os tres corpos centraes são as tres melhores salas do palacio.

São duas as entradas, uma na parte de oeste e outra de leste, sendo aquella a serventia para as pessoas da côrte e convidados em occasiões solemnes, e esta para a familia real.

A sala da entrada do lado de oeste, chamada a sala das bicas é grandiosa. Tem em volta os bustos em jaspe de varios imperadores romanos e ao fundo o busto de D. João V, esculpido em marmore de Carrara, assente em elegante pedestal e aos lados duas fontes tambem de marmore que lançam agua em dois pequenos tanques.

O tecto é o primitivo, no estylo antigo, apainellado, pintado a oleo. O Pavimento é de marmore, de Cintra e Pero Pinheiro, branco e preto.

A fachada do norte é a mais simples, apezar dos muitos bustos de imperadores e imperatrizes de Roma, que a adornam.

Cahia esta frente sobre um grande tanque que a rainha D. Maria II mandou desmanchar para construir outro mais elegante a poucos passos d'alli.

Esta parte do palacio era destinada pelo antigo possuidor, o conde de Aveiras, para servir de hospedagem aos religiosos arrabidos, quando vinham a Lisboa; era um hospicio com ermida, seis cellas e refeitorio e a esta parte do edificio se ficou dando o nome da *Arrabida*.

Todas as salas eram guarnecidas com primorosos paineis pintados a oleo por artistas afamados, sendo alguns d'elles portuguezes.

Infelizmente esta preciosa collecção foi para o Rio de Janeiro em 1810 e lá ficou, como muitas outras riquezas, que a familia real portugueza levou comsigo na sua fuga em 1807.

Junto ao palacio está o chamado *picadeiro regio*, mandado construir por D. José I, sob o risco do architecto italiano Jacome Arzelini.

Embelleza a frente do palacio um jardim adornado de estatuas e vasos de marmore. Aquellas guarnecem uma gradaria de ferro que deita sobre um estreito e comprido jardim, onde ha tres pavilhões.

O do centro tem uma sala com abobada e paredes cobertas de graciosos relevos em estuque; na parede do fundo ha uma fonte com uma estatua de marmore.

E' tristemente notavel esta sala.

Alli estiveram os duques de Aveiro, marquezes de Tavora, conde de Athouguia e mais cumplices no attentado contra a vida de D. José, na noite de 3 de setembro de 1758, na manhã de 3 de janeiro de 1759 alguns momentos antes de subirem ao patibulo erguido na praça fronteira. Junto aos pavilhões das extremidades ha dois porticos que conduzem aos dois pateos.

O do lado oeste chama-se o pateo dos Bichos porque existiram n'aquelle *local* varias jaulas com animaes ferozes enviados pelos governadores do ultramar. A' entrada da quinta ha um grande largo cerrado de frondoso arvoredo e um lago ao centro de duas escadarias que conduzem ao jardim, chamado dos Viveiros.

Aqui vê-se um outro lago com repuxo e em frente dois grandes pavilhões transformados hoje em estufas.

Ao fundo d'estes pavilhões está a grande cascata.

No centro da cascata e sobre a penedia poe onde a agua se despenha, ergue-se a estatua collossal de Hercules deces pando a hydra de Lerna.

A quinta é cortada por compridas ruas. Nas encrusilhadas ha espaçosos largos e nas extremidades levantam-se bustos de marmore sobre pedestaes.

O maior d'estes largos tem no centro uma estrella de pedra, com oito raios correspondentos a outras tantas ruas.

Ha ali estatuas de marmore, vindas de Italia. Representa uma Cleopatra expirando nos braços da sua aia; tem esta inscripção *Joseph Mazzuoli Senensi fecit Roma anno MDCCXVII*. A outra estatua symbolisa a figura de uma joven amamentando com o proprio leite seu velho pae manietado. Na base tem esta legenda: *Bernardim Ludovici Roma anno MDCCXXXVIII*.

No fundo da quinta está a horta ajardinada. Os espaços que medeiam entre as ruas do bosque são plantados de pomares.

*

Da ornamentação actual dos principaes aposentos do palacio, publicou ha dias um collega nosso a seguinte descripção:

*Sala de jantar.*—Tecto apainellado no genero allemão, pintura de Cotrim,

paredes apainelladas forradas de lincrustres com o fundo dourado oxidado e com molduras e lambris de carvalho, *parquet*, fogão de marmore de Carrara e amarello com baixos relevos no estylo Raphaelesco. Lustre de vidro fumado.

*Sala de recepção.*—Tecto antigo com lustre de bronze e cristal, fogão de marmore de Carrara, paredes forradas de seda de fantasia imitação dos tecidos argelinos, com fachas de velludo granada, molduras e lambris de carvalho, com almofadas de velludo da mesma cor, sobre portas com espelhos, pavimento de *parquet*, decoração e mobilia no estylo de Luiz XIV.

*Sala de bilhar.*—Sala Raphaelesca. Tecto antigo, paredes forradas de lincruste, molduras e lambris de carvalho, com pregaria dourada, fogão de marmore de Brecha, italiano, por cima do qual em uma mizula de marmore preto está um magnifico busto de D. João V, em marmores de Carrara. As sobreportas são ornadas com pinturas de Val, representando diversas marinhas, a Torre de Belem, Ericeira, etc.

*Sala de sua alteza a princeza.*—Tecto apainellado com magnificas pinturas de Cotrim, Casa Nova e Santos, com os escudos de Bragança e Orleans. As paredes são tambem apainelladas forradas de seda de fantasia com fachas de seda azul, molduras e lambris de carvalho com filetes dourados. As portas ornamentadas no estylo de Luiz XV, lustre de bronze e cristal, fogão de marmore de Carrara. As sobre portas teem caricaturas de Colombano, representando a architectura, a pintura, a esculptura, a poesia, a musica, a dança, e a comedia. O sobrado é de *parquet*.

*Quarto de dormir de sua alteza.*—Tecto apainellado com pinturas de Cotrim e medalhões de Casa Nova. As paredes tambem apainelladas forradas de seda azul, molduras e lambris de carvalho, com filetes dourados. A ornamentação é á Luiz XV. As sobre-portas teem pinturas de Columbano, representando as quatro estações, e outras allegorias. Do tecto pendem duas lampadas de cristal. Fogão de marmore de Carrara com duas magnificas caryatides representando a Primavera e o Estio, pavimento em *parquet*.

Ao centro do tecto n'um fundo, ceu, sobresae o monogramma dos dois esposos, com a coroa principesca. Quatro medalhões, delicadamente pintados por Casa Nova, com allegorias graciosas, em que pequenos genios teem os emblemas do amor e da felicidade, grinaldas e festões de talha dourada.

*Toilette da princesa.*—Tecto de uma só esteira, com pintura de Cotrim e Santos, representando dois ramos entrelaçados de flores campesinas e passaros, e quatro medalhões de Felix da Costa. As paredes forradas de pelucia branca com molduras e lambris de carvalho com filetes dourados. Mobilia da epoca de Luiz XV, com um grande espelho, com moldura lisa de madeira de carvalho.

*Sala do principe.*—Tecto de uma só esteira, com pintura no genero allemão, de Cotrim. As paredes são forradas de lincruste com pregaria dourada, moldura e lambris de carvalho, fogão de marmore de Carrara.

*Bibliotheca.*—As estantes são todas de madeira de carvalho, com riquissimos entalhamentos.

Uma escada construida de madeira de carvalho, em fórma espiral, dá accesso a uma galeria que circumda as estantes. A sala é illuminada por uma claraboia de vidros foscos. O sobrado é de *parquet*.

*Quarto de dormir do principe.*—Tecto de estuque, antigo, paredes apaineladas e forradas de seda de fantasia, com molduras e lambris de carvalho com filetes dourados. Fogão de marmore de Carrara. As janellas têem vidros de côres com as armas de Bragança e Orleans. O sobrado é de *parquet*.

A capella que é no anterior do palacio tem o tecto antigo restaurado. No altar mór, um retabulo com um quadro da Virgem da Conceição. As paredes são forradas de papel aveludado (nacional) com molduras douradas. O pavimento é todo alcatifado.

Quando o palacio era ainda propriedade dos condes de Aveiras esteve alli hospedada a rainha de Inglaterra, D. Catharina de Bragança, filha de D. João IV e viuva de Carlos II.

De 30 de abril a 7 de maio de 1839 hospedou-se alli a rainha Adelaide Amelia, viuva do rei de Inglaterra, Guilherme IV.

Em 20 de junho de 1839 hospedou-se sua alteza real o duque de Nemours.

A 20 de outubro de 1842 foram hospedar-se tambem no mesmo palacio o principe de Joinville e o duque de Aumale. Durante as obras que se fizeram nos annos de 1845 e 1846 no palacio das Necessidades, habitou a rainha D. Maria II e toda a familia real.

De 12 de maio a 13 de junho de 1846 residiu ali sua alteza o duque reinante de Saxe-Coburgo-Gotha com sua esposa e dois primos. As infantas portuguezas D. Maria Anna e D. Antonia ali residiram com seus maridos os principes Jorge de Saxonia e Leopoldo de Hohenzollern, depois dos seus casamentos até partirem para Allemanha.

A 26 de agosto de 1861 habitou o mesmo palacio o principe Leopoldo de Hohenzollern, marido da infanta portugueza D. Antonia.

De 11 a 20 de outubro de 1863, os principes Amadeu, duque de Aosta, e Eugenio Carignan.

A 18 de junho de 1865 a princeza do Brazil, D. Izabel Christina e seu marido o conde d'Eu.

De 11 a 1[illegible] de dezembro de 1866, a rainha de Hespanha, D. Izabel, seu marido D. Francisco e seus filhos, a infanta D. Maria Izabel e o infante D. Affonso, principe das Austrias.

De 29 de julho a 13 de agosto de 1867, sua alteza o duque de Saxe e sua esposa a princeza do Brazil.

De 12 de fevereiro a 3 de março de [illegible]3, D. Amadeu de Saboya, ex-rei de [illegible]anha, e sua esposa D. Maria Victoria.

De 1 a 7 de maio de 1876 o principe de Galles.

De 1 a 16 de janeiro de 1882, D. Affonso XII, rei de Hespanha, e a rainha sua esposa.

*

Até começos do seculo XVIII os principes estrangeiros que visitavam Lisboa, eram hospedados nos conventos, nunca nos paços reas, não obstante haver em Lisboa os da Ribeira, Corte Real, Alcantara e dos duques de Bragança.

Afim de evitar este inconveniente, mandou D. João V edificar um palacio expressamente para hospedagem de principes estrangeiros. Tendo resolvido transformar em templo sumptuoso a modesta ermida de Nossa Senhora das Necessidades sita no alto da Alcantara, a quem atribuia o haver-se restabelecido da perigosa infermidade que o acometteu em 1742, e quando já ia adiantada a obra, quiz que contiguo ao templo ficasse o novo palacio de modo que aquelle servisse de capella real, e ao mesmo tempo de egreja do convento. Para este fim comprou a Balthazar Pereira do Lago uma quinta, que ahi possuia visinha da ermida de Nossa Senhora das Necessidades. N'esta quinta, que aformoseou com jardins, fontes, pomares e arvores sylvestres, fundou o convento para os padres Nerys, e como entre este e o palacio se mettia de permeio uma rua publica, fez construir um arco, e sobre elle um passadiço para os religiosos poderem assistir aos officios na egreja, capella real do paço.

Começou a obra em 1743, sob a direcção e risco do architecto Caetano Thomaz de Sousa e concluiu-se em 1750.

Pouco depois de acabado o palacio, foi residir n'elle o infante D. Manuel, e mais tarde o infante D. Antonio, ambos irmãos de el-rei D. João V. O terramoto do 1.º de novembro de 1755, não causou estragos no palacio.

Nos reinados de D. José I e de D. Mario I hospedaram-se n'este paço varios principes estrangeiros. Os ultimos que alli residiram, durante a sua longa estada em Lisboa, foram os filhos de Jorge III, rei de Inglaterra, o principe de Galles, depois rei com o nome de Jorge IV; e seus irmãos, o duque de York, o duque de Kent, pae da rainha Victoria, e o duque de Sussex. Tambem aqui esteve alojada a Academia Real das Sciencias.

Em 1833 foi escolhido este palacio por S. M. I o duque de Bragança, regente do reino, para habitação de sua augusta filha. E desde então até 1862, em que o senhor D. Luiz I pessou a residir no paço da Ajuda, serviu de residencia aos nossos reis.

Pela extincção das Ordens religiosas, em 1834, foi annexado ao paço o edificio do convento para accommodação dos creados e das diversas repartições da casa real, fazendo-se em ambos os edificios importantes melhoramentos.

Porém no anno de 1845 é que se fizeram as obras mais consideraveis no palacio para augmento e adorno dos aposentos; e no edificio do extincto convento para embellezamento e regularidade das suas fachadas.

Foi no convento de Nossa Senhora das Necessidades, que em 1820 se reuniram as cortes constituintes, cujas sessões se celebravam na grande sala da livraria.

Por occasião do consorcio de el-rei o senhor D. Pedro V com a senhora D. Estephania, deixou el-rei o senhor D. Fernando de habital-o, mudando-se para o andar nobre do edificio do extincto convento, que desde então até á sua morte lhe ficou servindo de residencia. Para este effeito procedeu-se a novas obras no interior d'esta parte do edificio.

El-rei o senhor D. Pedro V e a rainha, sua esposa, foram occupar os aposentos d'onde sahira el-rei o senhor D. Fernando, e onde vivera depois de enviuvar. Estes aposentos ficam do lado de oeste da capella. Os que occupou com seu esposo, durante a constancia do matrimonio, a rainha a senhora D. Maria II, são os do primeiro corpo do palacio, do lado de léste. Tanto estes, como os da parte de oeste, foram conservados no estado em que os deixaram os fallecidos soberanos; e conservaram-se deshabitados até agora. Os moveis e ornamentação das salas só agora é que foram renovados e foram-no d'uma maneira verdadeiramente principesca.

No palacio das Necessidades falleceram; o principe D. Augusto de Leuchtenberg, em 1835; a rainha D. Maria II em 1853; a rainha D. Estephania, em 1859; el-rei D. Pedro V e os infantes D. Fernando e D. João em 1861, e el-rei D. Fernando em 1885.

A capella do palacio que foi restaurada por occasião do casamento de el-rei D. Pedro V, possue obras d'arte de valor, como são quadros de auctores nacionaes e as estatuas de S. Filippe Nery, de S. Francisco de Sales, e a de S. Pedro, esculpidas em marmore pelo famoso esculptor italiano Alexandre Giusti, que veio de Roma em 1749 para assentar a capella de S. João Baptista na egreja de S. Roque, e a estatua de S. Paulo, feita por José de Almeida, um dos melhores esculptores portuguezes do seculo passado, ao qual D. João V mandou aperfeiçoar-se em Roma. Além d'isto tem a capella excellentes vasos sagrados e outras peças de prata de serviço do culto, e ricos paramentos

A frente principal do palacio, com 47 janellas em dois pevimentos, e a fachada da capella deitam para um espaçoso largo, plantado de arvores e ornado com o mais elegante e formoso chafariz que tem Lisboa, todo de marmore côr de roza e branco.

A parte do extincto convento em que habitou el-rei o senhor D. Fernando, compõe-se de muitas salas, galerias e gabinetes.

A quinta e jardim do palacio, dispostos segundo o gosto moderno, possuem uma copiosa collecção de arvores e plantas exoticas, uma grande e sumptuosa estufa, bellos lagos de variadas fórmas, muitas estatuas e vasos de marmore, devidos ao cinzel d'aquelles e d'outros artistas.

A entrada geral é por um vasto pateo, cujo portão abre sobre um largo chamado das Côrtes, desde que o convento serviu de séde ao soberano congresso de 1821 a 1823.

*

Em 1719 projectou D. João V edificar um novo palacio real em Buenos-Ayres que substituisse o da Ribeira. Não levou por diante essa ideia por serem encontradas as opiniões dos medicos, fidalgos e padres que consultou sobre o assumpto, sendo de parecer os primeiros que o palacio á beira-mar era insalubre por causa da humidade e marezia.

Passados poucos annos, porém, em 4 de julho de 1726, comprou ao conde de Aveiras, João da Silva Telho de Menezes, o magnifico palacio e jardim que elle tinha no largo de Belem, para alli fazer residencia real durante o verão. O preço da compra foi de duzentos mil crusados, em dois padrões de juro, um de cento e trinta mil crusados pelo que era morgado, e outro de setenta mil crusados pelo que era livre, somma esta, avultadissima para a epocha. Comprou depois ao conde de S. Lourenço um palacete e quinta que este possuia para o lado da calçada da Ajuda. Com estas p[ro]priedades, e mais algumas casas circu[m]svisinhas formou o actual palacio rea[l] quinta de Belem.

Não lhe alterou o aspecto aliás acanhado, mas augmentou os jardins, guarneceu uns de gradarias, outros de balaustradas de marmores, ornou-os de estatuas, vasos, tanques e repuxos.

* *

## EGREJA DE S. DOMINGOS

E' o templo mais vasto de Lisboa, e o destinado ultimamente para as solemnidades dos casamentos reaes. A sua fundação data de seculos, mas o terremoto de 1755 e incendio subsequente destruiram-no quasi completamente, pois só escaparam a capella-mór e a sachristia. O plano para a restauração da egreja foi confiado ao architecto Carlos Mardel, artista hungaro de incontestavel merito que para o serviço de Portugal com a patente de capitão em 1733 e que tem o seu nome ligado a muitas obras importantes.

O plano é magestoso, mas a obra ficou incompleta, isto é, remendado de madeira e estuque o que devera ser de excellente pedra e marmore.

O architecto conservou na reconstrucção, o estylo da tribuna da capella-mór, que subsistia. Todos os altares tem magnificas columnas compositas de marmore, devendo ser os retabulos tambem de marmore, mas ficaram de madeira, assim como são de madeira os capiteis das columnas, e de estuque o entablamento, e o tecto de madeira. O tecto devia ser tambem de marmore ou do estuque, pois que na época da restauração já se não usavam os tectos de madeira.

A egreja está arrevesada, isto é, tirada uma linha do centro do côro ou da tribuna da capella-mór, apresenta um desvio consideravel, de modo que do centro do côro vem corresponder á figura de S. Domingos, que está do lado da epistola do altar-mór.

Tem este vasto templo cinco capellas de cada lado, sendo uma no cruzeiro, e a sua medição é a seguinte:

*Capella-mór*—Comprimento, 19$^{m}$,55.—Largura, 12$^{m}$,65.

*Cruzeiro*—Comprimento, 10$^{m}$,65.—Largura, 30$^{m}$,75.

*Corpo da egreja*—Comprimento, 43$^{m}$.—Largura, 19$^{m}$,2.

Comprimento de toda egreja, 73$^{m}$,30.

Passando a descrever a egreja, começaremos pela capella-mór.

A tribuna é de excellente marmore preto com veios. O desenho, no estylo da época em que foi feita, 1748, é apparatoso e elegante. Todos os ornatos são de optima esculptura e de um delicado cinzel; não acontece o mesmo ás figuras, dos anjos que parecem sustentar o sacrario, que são de tamanho natural e de pessimo desenho, e bem assim os seraphins que se vêem no arco da tribuna. Em nichos estão ao lado do altar-mór, as estatuas collossaes, de S. Francisco, do lado do Evangelho, e S. Domingos, da Epistola. A urna e a banqueta do altar-mór, são de magnifico marmore preto. Toda a ornamentação é admiravel. Nas bases das columnas se vêem uns medalhões de primoroso cinzel, e outros medalhões sobre os nichos lateraes, egualmente admiraveis. Na porta do sacrario, que é tambem de marmore, formando um todo compacto com a tribuna, está a figura do Salvador com o cordeiro ás costas. A porta do sacrario é de metal, e ornada com pedras, que deviam ser preciosas, mas são falsas.

O camarim, onde se arma o throno para a exposição do Santissimo Sacramento, é uma obra de muito merito. O camarim liga-se com a tribuna do altar-mór, é todo de marmore, de fórma hexagona, com quatro magnificas columnas compositas, como todas as da egreja, nos angulos do hexagono, e d'ellas saem uns arcos estriados, de marmore vermelho. O pavimento do camarim é de mosaico, e para elle se sobe por uma escada de pedra.

*

E' magnifica a ornamentação do templo para a cerimonia do casamento.

O grande arco central, o arco cruzeiro, é guarnecido de festões de damasco liso e de requife, côr de carmezim, com setiaes de velludo da mesma côr.

Os dois arcos lateraes das duas capellas, são guarnecidos com festões de seda azul e amarello, franjada e guarnecida de ouro. e os sitiaes de damasco vermelho.

Os altares teem cortinas de velludo de seda vermelho, guarnecido de setim branco e estrellas de ouro, e por cima festões de setim e seda lavrada, branca e azul, tudo guarnecido e franjado do ouro, e recamado de estrellas.

As frestas são armadas em pequenas tribunas do corpo da egreja, guarnecidas de velludo carmezim franjado e bordado a ouro. E por cima, nas largas janellas, cortinados de damasco carmezim, com festões de velludo da mesma côr, estrellados de ouro e com franjas douradas, e um espaldar de seda branca com *mouches* pretas.

Cada altar, d'onde se tira a teia que os guardava, tem agora uma grade de madeira, côr de bronze, matizada de ouro, e estão cheios de flores plantas, todas fornecidas pelo sr. José Marques Loureiro, distincto horticultor portuense, e entre as quaes ha algumas de grande estimação, como são 16 fetos arboreos, dois dos quaes no valor de 200$000 reis cada um e uma riquissima collecção de azaleas e rhododendrons em flor.

O coro que foi transformado em grande tribuna ou balcão, tendo o fundo um amphitheatro para a orchestra, é tambem guarnecido de velludo e damasco carmezim com bordados e guarnições de ouro.

Logo junto ao altar-mór e á direita, fica o *solio* patriarchal, em plano alto, tapetado de vermelho, com o docel e o espaldar de velludo bordado a ouro.

Tem no meio a cadeira para o patriarcha, e aos lados os bancos para os conegos acolytantes.

Em seguida ao solio e o mesmo lado, uma rica tribuna real, cuja cupula, quasi da altura da egreja, ecimada d'uma coroa real, dourada, d'ode descem grinaldas de ouro, partindo d'ella tambem, como que as duas abas amplas de um manto de velludo carmezim, recamado de estrellas de ouro, e cujas extremidade são sustentadas por duas columnas douradas de primoroso lavor. E' como um verdadeiro manto régio o que essa cobertura representa, o fundo é de pellucia branca de seda, estrellado de ouro, com as armas reaes ao meio bordadas a ouro e vermelho.

N'esta tribuna estarão seis cadeiras para a familia real, na seguinte ordem: El-rei, dando a direita a S.M. a rainha, á direita d'esta a princeza Amelia, e em seguida o infante D. Augusto, ficando á esquerda d'el-rei o principe D. Carlos e o infante D. Affonso.

Dentro ainda do altar-mór ficam: em frente do solio patriarchal, e portanto á esquerda do altar, um estrado, onde na primeira plana haverá, no extremo proximo do altar, dois logares reservados para o principe Amadeu e principe Jorge de Inglaterra, representantes de soberanos. Ao meio, e na mesma plana, o conde e a condessa de Paris; e na segunda plana os principes de Orleans e Bourbons, e atraz as respectivas comitivas. Esta tribuna é forrada de velludo azul, franjado de ouro e salpicado de flores de liz.

Em seguida ao throno fica a vasta tribuna, erguida a uma grande altura do solo, para o mordomo-mór, duques, marquezes, damas, officiaes-móres e mais dignitarios, segundo o programma e a planta que publicou o *Diario do Governo*. Esta tribuna e a fronteira, para ministros, conselheiros de Estado, são guarnecidas de velludo carmezim, franjado ouro, com espaldares azues.

Seguem, guardando grande espaço até á porta, para o povo, e com uma coxia ao meio, e ao longo da egreja, dois tablados, em declive, alcatifadas e com varias ordens de bancos de velludo carmezim.

Os logares reservados no templo são para as seguintes pessoas e corporações: —Cardeal patriarcha de Lisboa; throno real; principe real e princeza D. Maria Amelia; cardeal-bispo do Porto, arcebispos e bispos; principes representantes de soberanos e sequitos; condes de Paris; principes e sequito; mordomo-mór, duques e marquezes; damas, gentis homens, veadores, officiaes-móres, ajudantes de campo, officiaes ás ordens e medicos effectivos da real camara; ministros d'Estado effectivos; conselheiros d'Estado; ministros d'Estado honorarios; conegos, protonotarios, desembargadores, beneficiados e capellães cantores; corpo diplomatico; duquezas e mais senhoras da grandeza d'estes reinos, esposas dos ministros d'Estado effectivos e honorarios, dos grandes do reino, dos officiaes-móres e filhas solteiras; irmandade do Santissimo; corpos legislativos e deputações das juntas geraes dos districtos administrativos; tribunaes e junta do credito publico; governador civil, commissão executiva da camara municipal, mais vereadores que quizerem aggregar-se-lhe e auctoridades administrativas e policiaes de Lisboa; condes, viscondes e barões e mais pessoas da côrte; officiaes de mar e terra; senhoras; deputações; funccionarios publicos; *imprensa e estrangeiros de distincção*.

O espaço que resta é destinado ás pessoas que não estão comprehendidas nas cathegoricas mencionadas. Calcula-se que ha espaço para 2:400 pessoas.

Eis como uma folha da epocha descreve a ornamentação do templo de S. Domingos:

Quando se celebrou o casamento de el-rei D. Luiz o tempo estava tambem vistosa e elegantemente armado com ricas cortinas de veludo bordado a ouro. No arco cruzeiro e nas das capellas lateraes do mesmo cruzeiro, viam-se panos primorosamente pintados, similhando rico damasco, tendo no centro unidos os brazões de Portugal e de Saboya.

Nas teias havia 20 tocheiros de cada lado com 5 tochas em cada um, e ligados por uma grinalda de rosas brancas; nos intercolumnios dos altares, que são 6 de cada lado, estavam outros tantos tocheiros com 16 velas cada um. A capella-mór tinha lustres com 16 velas cada um.

O *Te-Deum* que se executou foi expressamente composto para esta solemnidade pelo sr. Manuel Innocencio dos Santos, mestre da capella real, e foi desempenhado por 66 vozes e 65 instrumentos.

A' saida do templo dos reaes conjuges a orchestra executou a symphonia da opera *Regente*.

No terceiro dia dos festejos, houve recita de gala em D. Maria II representando-se o drama do sr. Mendes Leal, *Egas Moniz*.

A illuminação da praça do Commercio, formada por 5:300 bicos de gaz, era deslumbrante.

A esquadra ingleza, que entrou no terceiro dia dos festejos, prestou um contingente muito notavel para o realce de todas as festas.

No quarto dia celebrou-se a recepção no paço da Ajuda, que esteve brilhantissima, concorrendo os officiaes das esquadras estrangeiras.

A's 5 horas da tarde houve tourada, a que assistiu o principe Humberto. A' noite, recita de gala em S. Carlos com a *Ernani*.

No quinto dia; houve parada no Campo Pequeno. Commandava a divisão o conde de Santa Maria. A affluencia do povo foi extraordinaria.

A' noite, os regios consortes andaram de trem descoberto percorrendo as ruas onde havia illuminações. Por toda a parte a multidão acclamou-os ruidosamente.

* *

## ALLIANÇAS REAES

Pelo casamento da princeza Amelia de Orleans com sua alteza real o principe D. Carlos, fica a casa de França alliada ás casas reinantes de Portugal, Hespanha, Italia, Grecia, Russia, Austria-Hungria, Baviera, Saxonia, Cobourgo Gotha, Maklemburgo, Belgica e Inglaterra.

A casa Hohenzollern, da Allemanha, está reunida a todas as casas reaes da Allemanha, á casa imperial da Russia, por ser o imperador Guilherme I tio materno do Czar Alexandre III; á casa real de Inglaterra, por ser casado o successor da corôa germanica com a princeza Victoria, filha da rainha de Inglaterra, e por uma filha do fallecido principe Frederico Carlos ser casada com um filho do rainha Victoria, o duque de Cannaught; á casa Bonaparte, pelos Beauharte, pelos Beauharnais e Murat; á casa real da Hollanda pela princeza Maria, filha do fallecido Frederico Carlos, casada com o principe Eugenio dos Paizes Baixos; á casa real da Belgica pela princeza Maria, filha do defunto principe Carlos Antonio de Hohenzollern-Sigmaringen, casada com o conde de Flandres.

A casa dos Gueltos, Inglaterra, está alliada ao duque de Brunswick, d'onde é proveniente, e aos Saxe Coburgo Gotha, sendo a rainha Victoria viuva d'um principe da dita casa. E' aparentada tambem com a casa imperial da Allemanha pela princeza Victoria, casada com o principe imperial Frederico Guilherme e pelo duque de Cannaught, casada com a princeza Alexandra, filha do rei da Dinamarca; com a casa de França por ser a princeza de Galles cunhada da princeza Maria de Orleans, filha do duque de Chartres e mulher do principe Waldemar, da Dinamarca; com a casa real da Grecia, por ser a princeza de Galles irmã do rei Jorge; com a casa imperial da Russia, por ser a princeza de Galles irmã da imperatriz da Russia, e ser o duque de Edimburgo, irmão do principe de Galles, casado com a gran-duqueza Maria, irmã do imperador Alexandre III.

A casa de Hapsburgo-Lorena (Austria-Hungria) está unida á casa de Wittelsbach, por ser casado o imperador Francisco José com a princeza Isabel, duqueza da Baviera; á casa de França, por ser a duqueza de Alençon irmã da imperatriz Isabel; aos Bourbons, de Napoles, por ser tambem a rainha de Napoles irmã da imperatriz Isabel, e aos Bourbons de Hespanha, por ser a rainha regente Maria Christina archiduqueza de Austria; á casa real da Belgica, por ser casado o principe herdeiro de Austria, archiduque Rodolfo, com a princeza Estephania, filha do rei Leopoldo II, e ser a rainha dos belgas archiduqueza de Austria; á casa de Saboya por ser a mãe de rei Humberto a archiduqueza austriaca Adelaide.

A casa de Holstein-Gottorp (Russia) está alliada á casa imperial da Allemanha por ser Alexandre III segundo sobrinho do imperador Guilherme, por linha feminina; á casa de França, por ser a imperatriz da Russia cunhada da princeza Maria de Orleans; á casa real da Grecia por ser a imperatriz da Russia irmã do rei da Grecia e ser a rainha da Grecia filha do grão-duque Constantino, tio de Alexandre III; á casa real de Inglaterra, por ser a imperatriz da Russia irmã do principe de Galles e o imperador Alexandre III irmão do duque de Edimburgo; á casa real de Dinamarca, por ser a imperatriz da Russia filha do rei Christiano.

A casa de Saboya (Italia) vae alliar-se de novo á casa de França, pelo casamento da princeza Amelia de Orleans com o principe herdeiro de Portugal, sobrinho do rei Humberto. Está alliada á casa Bonaparte por ser o rei Humberto, irmão da princeza Clotilde, esposa do principe Napoleão; á casa de Bragança por ser o rei Humberto irmão de D. Maria Pia, rainha de Portugal; á casa imperial da Austria, por ser a mãe do rei Humberto uma archiduqueza de Austria; á casa reinante de Saxe por ser a mãe da rainha Margarida a duqueza de Genova, filha do defuncto rei João de Saxonia; á casa real de Baviera, por o duque de Genova ter casado com uma duqueza da Baviera.

A casa dos Bourbons de Hespanha está alliada á casa de França, de que é um dos ramos. A condessa de Paris é sobrinha da rainha Isabel e cunhada do defuncto rei Affonso XII e seu irmão que casou com uma irmã d'este; á casa imperial da Austria-Hungria pela rainha regente Maria Christina; á casa real da Baviera pela infanta D. Paz, casada com o principe Luiz Fernando, da Baviera.

* *

## OS COCHES REAES

N.º 1—*Coche da corôa*—Foi feito em Paris, no anno de 1724, por mandado de D. João V, para as festas do casamento de seu filho, o principe D. José, com a infanta de Hespanha, D. Mariana Victoria, filha de Filippe V, para a solemnidade do encontro das familias reaes de Hespanha e Portugal em um rico palacio de madeira construido sobre o rio Caia, que divide os dois reinos.

Chegou a Lisboa este coche em 1728, e serviu pela primeira vez no dia 19 de janeiro de 1729, conduzindo da cidade d'Elvas até ao Caia el-rei D. João V e seus filhos, o principe D. José e o infante D. Pedro.

Iam n'este cortejo real 69 coches, sendo 29 da casa real e 40 dos fidalgos da corte.

Este coche é riquissimo, sendo de tartaruga o estrado destinado a descançar os pés; é estufado de velludo verde, com cortinas tambem verdes. A frente, lados e costas são de vidros. Toda a caixa é dourada, tendo entalhamentos riquissimos e paineis allegoricos. O tejadilho é forrado de velludo carmezim, tendo no centro uma coroa dourada. Este coche, que pertence aos reinantes, é puxado a 4 parelhas.

N.º 2—*Coche D. Fernando*—Foi feito em Roma por ordem do papa Clemente XI, o por este pontifice offerecido a el-rei D. João V, em reconhecimento da pomposa embaixada enviada a Roma por este monarcha, em 1716, a prestar obediencia ao referido papa e outros favores. Foi dourado de novo em 1845, para servir na solemnidade do baptisado de S. A. a infanta D. Antonia. E' estofado de velludo carmezim. Era este o coche de que se servia el-rei D. Fernando II. O é tambem forrado exteriormente de carmezim. Tem nos quatro angulos as figuras allegoricas da Europa, Asia, Africa e America. Tem tambem entalhamentos ricos e bonitos. E' puxado a 3 parelhas.

Este coche é designado para conduzir a princeza.

N.º 3—*O coche de D. Marianna d'Austria*—Offerecido pelo imperador da Austria, D. José, a sua irmã a sr.ª D. Marianna d'Austria, por occasião do casamento d'aquella princeza com el-rei D. João V, em 1708.

E' muito rico e elegante, e tem a inicial M. do nome da princeza nas quatro divisões da caixa, ao lado das portinholas. Foi redourado em 1862 por occasião do casamento de el-rei D. Luiz.

E' todo dourado, e estofado de velludo carmezim, com cortinas e forro exterior de tejadilho da mesma cor.

E' puxado a tres parelhas.

N.º 4—*O coche de D. Francisco*—almirante da esquadra. Fabricado em Paris em 1727 por mandado do infante D. Francisco, irmão de João V.

Este coche chegou a Lisboa nos fins de 1728, conduzindo o mesmo infante da cidade de Elvas ao Caia, por occasião da troca das infantas de Portugal e Castella, e foi estreiado no dia 19 de janeiro de 1729.

Tem nas portinholas as armas cortadas, com o banco, por serem de irmão do rei, e tem pintadas muitas figuras allegoricas, e no painel de traz está uma figura segurando um medalhão com o retrato do infante.

E' interiormente estofado com tecido d'oiro, em fundo cinzento, com cortinas da mesma côr. O tejadilho é forrado exteriormente de coiro preto.

E' puxado, como todos os que se seguem, a tres parelhas.

N.º 5—*Coche de D. João I, ou coche da aguia*—Foi mandado construir por este soberano, em Portugal, no anno de 1750. E' forrado interiormente de veludo carmezim lavrado, em tecido de oiro.

Os entalhamentos são doirados e em grande relevo. O tejadilho é forrado de veludo carmezim.

N.º 6—*O coche de D. João I*—Assim chamado porque foi feito tambem em Portugal, por ordem d'este rei, em 1705. E' forrado de veludo carmezim interior e exteriormente.

Este coche, que é muito bonito, é que servirá para conduzir o principe D. Carlos.

N.º 7—*Coche berlinda chamado de el-rei D. Pedro II*—Foi mandado fazer por este rei para a solemnidade do seu casamento com a rainha D. Maria Sophia Isabel de Neuburgo, e estreado no dia 30 de agosto do mesmo anno, por occasião da entrada solemne da referida soberana em Lisboa. E' forrado de veludo azul e tem o tejadilho de coiro preto.

N.º 8—*O coche de D. Affonso VI.*—Fabricado em Paris em 1665 e offerecido por Luiz XIV á princeza D. Maria Francisca Isabel de Saboya, quando veiu para casar com el-rei Affonso VI, em 1666. E' rico em obra de talha dourada e foi restaurado ha poucos annos.

No painel das costas está retratada, com muita fidelidade, segundo escriptores contemporaneos, aquella princeza sentada no throno.

E' forrado de velludo carmezim lavrado, tendo o tejadilho forrado de velludo carmezim liso.

N.os 11 e 12—Estes coches berlindas foram, como o n.º 7, mandados fazer por D. Pedro II, e para o mesmo fim que aquelle. O n.º 11 tem o tejadilho de tartaruga, e o n.º 12 é de preto: aquelle é forrado de velludo verde liso, e este de velludo verde lavrado.

N.º 13.—*Coche berlinda mandado fazer no tempo dos Filippes.*—São da mais simples ornamentação: as caixas envernisadas de preto, desde o tejadilho até meio coche. D'ahi para baixo dourados simples.—Interiormente são forrados de velludo carmezim, com cortinas de seda da mesma côr. O tejadilho é forrado de coiro preto.

Estes 11 coches são os que se suppõe que farão parte do cortejo, estando porém promptos para qualquer eventualidade os coches-berlindas.

N.os 9, 10 e 14, que são tambem do tempo dos Filippes, de ornamentação singela, como o n.º 13, e com pequenas differenças entre si.

## Arabescos e Miniaturas

### AMICA VERITAS

Não minto, não sei negar:
preguei na criada um beijo;
mas foi isto co'o desejo
de que t'o fosse entregar.

Não é caso de affligir!
não chores! não val a penna!...
—quando cá volte a pequena
torno-lh'o então a pedir.

*Diogo Souto.*

### ENGEITADINHA

—Porque choras tu, anjinho?!
—Tenho fome e tenho frio.
—E só, por este caminho,
Como a ave que sahiu
Ainda implume do ninho?
A tua Mãe já não vive?
—Nunca a vi em minha vida,
Andei sempre assim perdida,
E Mãe por certo não tive!
—*E's mais feliz do que eu,*
*Que tive mãe e morreu.*

*João de Deus.*

### PAISAGEM

Andam pascendo uns bois pela collina
Crivada em parte de casinhas brancas!
Longe na estrada sacudindo as ancas
Ha uma tropa que vem. O sol declina.

Parece que uma viração domina
Toda a villa, pois são as frondes curvas
Das arvores. De um rio as aguas turvas

Somem-se além. Transpondo a tosca ponte
Um cavalleiro vê-se, e apoz o pagem.
Ha passaros. Completa esta paizagem
Um céo azul que morre atraz de um monte.

*Alfredo de Sousa.*

## Bibliographia

—«*A Moda Illustrada.*—Acha-se publicado o n.º 178, correspondente a 15 de maio, d'este magnifico jornal de modas para senhoras e creanças. Não ha noticia palpitante sobre assumptos de modas que se não encontre alli, nem figurinos das ultimas novidades parisienses, tanto de vestuarios e chapéus como de quaesquer outros artigos de *toilette*, que o referido jornal deixe de publicar. A parte litteraria além de variada é muito interessante e escrupulosamente redigida.

Assigna-se na casa editora David Corazzi, rua da Atalaya, 40 a 52. Numero avulso 200 reis.»

## Parte Official

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

*Diario de 18*

Decreto convocando differentes assembleias eleitoraes para o dia 6 de junho proximo futuro, afim de elegerem um deputado por cada circulo de Villa do Conde e Povoa de Varzim.

Listas para arrematações de bens e fóros nacionaes em diff[ere]ntes districtos.

*Diari[illegible]*

Concessã[illegible] honorifica.

fóros nacionaes em diffe[illegible]

## Noticias Locaes

**Festa de Santa Joanna Princeza.**—Foi deslumbrante a festa da santa padroeira de Aveiro, que se verificou no domingo no historico templo de Jezus em que jazem as suas preciosissimas cinzas.

Amanheceu em festa o dia, e em festa se conservou até á noite, sendo enorme a concorrencia de forasteiros. O programma que publicamos no nosso penultimo numero foi fielmente cumprido.

S. ex.ª revd.ma o sr. Bispo Conde, que chegou no comboio expresso da manhã, era esperado na estação do caminho de ferro por um grande numero de ecclesiasticos, coronel e officialidade do regimento de cavallaria n.º 10, direcção da real irmandade de Santa Joanna Princeza e muitas outras pessoas. Junto á residencia episcopal de Sá fazia a guarda de honra uma força d'aquelle regimento com a respectiva charanga, sob o commando do alferes o sr. Izaac de Carvalho.

O templo estava formosissimo e da sua ornamentação fallaremos detalhadamente n'um dos nossos proximos numeros e bem assim d'algumas particularidades d'esta grande solemnidade religiosa.

A's 11 horas chegou á egreja a ex.ma camara municipal e pouco depois os ex.mos srs. governador civil e coronel do regimento de cavallaria n.º 10, para quem havia logares reservados e bem assim para as demais auctoridades.

Pouco depois fazia a sua entrada no templo o *ex.mo e revd.mo sr. Bispo Conde* que era esperado no atrio pelo clero, ex.mo governador civil e direcção da Irmandade de Santa Joanna. A missa foi a chamada missa do *circulo*. Assistiam ao *solium* os srs. drs. Calisto Simões da Costa e Alexandre José da Fonseca, professores do extincto seminario d'esta cidade, e servia de ministro do baculo o sr. dr. Manuel Ribeiro, conego da Sé de Cabo Verde. Celebrou o revd.º sr. conego arcypreste José Candido Gomes d'Oliveira Vidal, acolitado pelos revd.os prior da freguezia da Vera-Cruz sr. Manuel Ferreira Correia de Souza, e sr. Antonio Baptista Cardote, illustrado capelão do regimento de cavallaria 10 e antigo parocho de Aljustrel.

A execução da missa pelas virtuosissimas recolhidas do convento e professoras do collegio de Santa Joanna foi primorosissima, tornando-se verdadeiramente notavel a ex.ma sr.ª D. Carolina Soares, que mais uma vez patenteou os vastos recursos do seu formoso talento, não devendo tambem deixar de mencionar-se e d'uma fórma digna de todo o louvor, a ex.ma sr.ª D. Marianna Correia de Sá, que já o anno passado abrilhantou a festa de modo que tantas sympathias deixou em Aveiro.

Pelas 5 horas da tarde saiu a procissão que abria com a bandeira da real irmandade de Santa Joanna Princeza e se compunha de todas as confrarias erectas na cidade. Era grandissimo o numero de irmãos em cada uma d'ellas. Levados por irmãos, iam os riquissimos andores da Princeza Santa Joanna e S. Domingos, com as suas preciosas vestes de setim recamado de magnificos bordados a oiro. No prestito religioso, que era imponentissimo, viam-se um grande numero de creancinhas elegantemente vestidas, n'elle tomavam parte as philarmonicas

*Rhavense* e *Amizade*. Após o palio, debaixo do qual ia o ex.mo e revd.mo sr. Bispo Conde com a custodia, seguia o sr. visconde de Valdemouro com a umbella, o presidente da direcção o sr. conselheiro José Ferreira da Cunha e Sousa, o sr. governador civil, o sr. coronel Manuel Corrêa, a camara municipal com a bandeira da cidade e o regimento de cavallaria n.º 10.

**Demonstração.**—A camara municipal do concelho de Aveiro, para commemorar solemnemente, d'uma maneira authentica e duradoura, o auspicioso consorcio do herdeiro presumptivo da corôa portugueza com a formosa princeza de Orleans, deliberou dar ao novo mercado que vae construir no largo do Cojo o nome de *Praça da Princeza Amelia*, e ao novo quartel de cavallaria n.º 10, que anda construindo em Sá, o nome de *Quartel do Principe D. Carlos*, para o que obteve prévio consentimente de Sua Alteza Real.

**Apontamentos de carteira.**—Faz annos no dia 24 do corrente o nosso distincto e prezado collega, o sr. Almeida Vilhena. Cordealissimos parabens.

— E' tambem n'esse dia o anniversario natalicio do nosso querido amigo, o sr. Ernesto Julio Caldeira dos Prazeres. Um abraço muito sincero.

**Os ratoneiros.**—Como querem, como não desistem das suas proezas, terão chronica diaria. E' preciso espancal-os com a publicidade das suas africas. Havemos de moel-os com a musica do noticiario.

Ha duas noites os maraus abriram com chave falsa a loja d'alfaiataria, que na rua Direita tem o sr. Martins, e roubaram-lhe um par de calças acabadas horas antes para um freguez da casa, dois córtes de fazenda para fatos completos e algum dinheiro. E depois d'esta limpesa, rasparam-se descansadamente, tornando a fechar a porta do estabelecimento.

Como se vê, quem levou aquelles objectos não receou que lhos encontrassem no corpo. Foi talvez assoalhal-os em Lisboa, por occasião das festas, indo no comboyo a preço reduzido. Para este é que os festejos saem de graça. Dinheiro para a passagem e farpellas novas, tudo ao pintar, como se o alfaiate o esperasse para lhe fazer a surpreza de uma roupa nova.

Mais uma vez chamamos a attenção da policia sobre o caso, que por ser frequente vae-se tornando chronico.

**Trabalhos agricolas.**—Porque choveu em quasi todos os dias da semana interromperam-se e atrazaram-se mesmo os trabalhos de sa[illegible] em que os agricultores se empre[illegible] o tempo melhor[illegible] andavam. [illegible] d'um [illegible] a [illegible] ontem já produziu alguma cousa sendo a pesca chicharro e petinga.

**Mercado de pesca salgada.**—Não tem faltado este anno pesca salgada no mercado. Em maior ou menor quantidade tem havido sempre alimentação para as classes trabalhadoras e em preços commodos, sendo a procedencia das remessas, Cezimbra.

**Revista Pedagogica.**—E' uma excellente publicação semanal, onde, a par d'uma leitura suave e interessante, junta as questões mais sensatas e os conselhos mais fecundos.

Analysando a marcha pedagogica do nosso paiz affasta do que é vão tudo o que póde guiar claramente a sã intelligencia dos que se esforçam por bazear n'uma norma ampla e brilhante a verdadeira instrucção.

Na *Revista Pedagogica* vemos brilhar nomes amigos e promettedores.

Sentimos uma consolação boa n'isto; porque nos occorrem á memoria tempos d'uma felicidade despreocupada que gosámos, e esperanças de nos encontrarmos ainda com os que não temos o prazer de conhecer pessoalmente, mas a cuja intelligencia prestamos a mais sincera admiração.

Figuram pois n'esta excellente Revista bastantes nomes que nos são gratos, todos porque nos merecem as maiores considerações, alguns porque nos inspiram saudades de leal camaradagem.

Mas o passado, passado.

Agora o futuro impera; manda-nos olhar a realidade fria e nua: trabalhar, trabalhar sempre!

Vem a proposito agradecer agora ao nosso estimavel collega, o sr. Torquato Fernandes, talentoso academico portuense, e escriptor muito distincto a maneira delicada e bizarra porque se dignou dispensar-nos a honra da sua auctorisada opinião, sobre o modesto livro em que colleccionámos os nossos primeiros vôos lyricos. Um cordealissimo abraço, e a expressão sincera do nosso maior reconhecimento.

O summario d'este numero é o seguinte, para o qual chamamos a attenção dos nossos amaveis subscriptores, que pódem, fazendo a sua acquisição, prestar um serviço grande aos que tem por dever ensinar:

Noção, divisão e importancia da educação (continuação), por J. Augusto Coelho.—O ensino da leitura e da escripta, por Alexandre das Dores Casimiro.—O ensino moral (conclusão), por J. M. Barbosa Leão.—O Trabalho (poesia), por J. Maria Ançã.—Consultas, da Redacção.—Bibliographia: Sá de Miranda, por J. L. de Vasconcellos.—Sombrios, da Redacção.

A «Kermesse».—E' um magnifico jornal, publicado em beneficio do asylo visiense da infancia desvalida. Recebemos esta maravilhosa publicação, numero unico, que vem nitidamente impresso.

Traz no frontespicio uma magnifica photographia do sr. Francisco Paino Perez, primoroso artista com atelier em Vizeu, representando esse formosissimo grupo de creancinhas que a generoso dedicação da ex.ma sr.ª Viscondessa de S. Caetano ampara e vela. A parte litteraria é primorosa, pois traz escriptos de alto valor, que ensimam nomes já bastante conhecidos na republica das lettras.

**Os assassinos do empreiteiro Marty.**—D'um cavalheiro muito respeitavel do districto de Leiria acabamos de receber a seguinte carta:

Leiria 19 de maio de 1886.

Aos differentes individuos que arrogam a si a iniciativa e demais diligencias para o conseguimento da captura dos assassinos do empreiteiro Marty, e que teve logar (a captura) no concelho de Pombal, tomo a liberdade de os convidar a responderem-me ás seguintes perguntas:

1.º—Onde foram descobertos os assassinos e por quem?

2.º—Quem lhes seguiu a pista e pediu auxilio á auctoridade administrativa de Pombal?

3.º—Quem chegou primeiro á taberna em que se achavam os assassinos e os vigiou até á concorrencia da auctoridade administrativa?

Se me dão licença antecipo-me a responder:

Ao 1.º:—com a correspondencia do escrivão da administração do concelho de Leiria inserta ao jornal a *Actualidade*, n.º 111, de 12 do corrente.

Ao 2.º:—os srs. Durão e capitão Lobo, de Leiria.

Ao 3.º:—o sr. capitão Lobo.

Dou um doce a quem negar o que deixo expendido. *M. C.*

## Carta de Lisboa

**Lisboa, 21 de maio de 1886.**

Já se acha entre nós a gentil princeza de Orleans, que d'ámanhã em diante será tambem de Portugal. A sua recepção foi das mais grandiosas a que tenho assistido. Ella será pois o assumpto principal e por assim dizer unico d'esta carta.

A's 4 horas e meia da tarde de quarta-feira chegou á estação de Santa Apolonia a familia real acompanhada pelos representantes especiaes das diversas côrtes, recolhendo-se á sala de recepção que para esse fim estava destinada, e muito bem ornamentada. El-rei vestia de generalissimo, e a rainha trajava uma *toilette* elegantissima. O regimento de cavallaria 4 acompanhou a familia real.

SS. MM. foram em *landeau*. Na frente iam dois batedores, depois um piquete de cavallaria, e em seguida dois batedores da casa real na frente de tres *landeaus*, em que iam as damas da rainha e casa de el-rei. Atraz seguia o coche da familia real, seguido de um esquadrão de cavallaria. Pouco depois chegaram á estação mais cinco *landeaus* destinados aos conde de Paris e sua comitiva.

O sr. infante D. Augusto chegou á estação pouco antes da chegada de SS. MM. Era acompanhado por dois dos seus ajudantes.

A's 5 horas e 30 minutos chegou á *gare* dos caminos de ferro o comboio real que conduzia SS. AA. o principe D. Carlos e a princeza D. Maria Amelia de Orléans, os condes de Paris e familia de Orléans. Na *gare* aguardavam a chegada do comboio real, além de SS. MM. el-rei e a rainha, o principe Amadeu, os infantes, cardeal-patriarcha, cardeal bispo do Porto, ministerio, altos dignitarios da côrte, casa militar de S. M. el-rei, damas e camaristas de S. M. a rainha, officiaes-generaes, commandante-general da armada, director geral da marinha, officialidade dos navios de guerra estrangeiros e portuguezes surtos no Tejo, deputados da nação, camara municipal e numeroso cortejo de damas e cavalheiros da nossa primeira sociedade.

A' chegada do comboyo, SS. MM. e côrte approximaram-se da carruagem em que vinham SS. AA. sendo S. M. a rainha a primeira a receber e abraçar a gentil princeza de Orléans, e em seguida S. M. el-rei e mais familia real; o senhor D. Luiz deu o braço á condessa de Paris, o conde de Paris a S. M. a rainha; o principe Amadeu á princeza de Joinville, o principe real á princeza Amelia de Orléans, e, seguidos de toda a côrte, deram entrada na sala de recepção, onde tiveram logar os cumprimentos e apresentações do estylo.

A banda da guarda municipal, logo que chegou o comboyo real, e durante a recepção, executou o hymno da Carta. Grande numero de trens da casa real formavam o sequito de SS. MM. e AA. Nos primeiros oito trens tomavam logar os cavalheiros e damas que acompanharam de França, os condes de Paris e a princeza Amelia, indo em cada trem um official ou camarista da casa de el-rei; nos tres ultimos a familia real na seguinte ordem:

Os infantes D. Augusto e D. Affonso com os duques de Orléans e de Chartres, S. M. a rainha e principe real com o conde de Paris e sua filha a princeza Amelia, S. M. el-rei e principe Amadeu com a condessa de Paris e princeza de Joinville. S. M. a rainha trajava um rico vestido coberto de rendas, capa de pellucia e chapéu verde com plumas. El-rei vestia de generalissimo. S. A. o senhor infante D. Affonso vestia o uniforme de tenente de artilheria e S. A. o duque de Aosta o uniforme de tenente-general do exercito italiano. Ambos estes principes levavam condecorações.

Um esquadrão de cavallaria 4 fechava o cortejo, indo o commandante do esquadrão junto da portinhola do trem.

O regimento de caçadores da Rainha fazia a guarda de honra, tocando o hymno da Carta á passagem de SS. MM. e AA. Tanto na *gare* como nas ruas do transito SS. MM. e AA. foram objecto das mais enthusiasticas demonstrações de sympathia e respeito.

Muito povo acompanhou por bastante tempo o trem que conduzia S. M. a rainha e princeza Amelia.

A futura esposa do principe real correspondia com a mais encantadora graça aos cumprimentos com que era festejada na sua passagem.

— Chegou hontem de manhã ao Tejo o principe Jorge de Inglaterra. Foram recebel-o a bordo, acompanhando-o para terra, S. A. o principe D. Carlos e o sr. ministro da marinha. No arsenal aguardavam o illustre visitante S. M. el-rei o senhor D. Luiz, todos os outros ministros da corôa, officialidade e os membros da legação ingleza. Fazia a guarda de honra o regimento de caçadores 2. Depois dos cumprimentos do estylo, o principe Jorge, acompanhado por el-rei e pelo principe D. Carlos, dirigiu-se para o palacio das Necessidades, onde ficará hospedado.

— Foi hoje para Cintra o duque de Aumale acompanhado pelo principe Jorge, de Inglaterra, pelo duque de Orléans, general Sousa Pinto, marquez de Bouillé e visconde Chazelles. O duque tinha um grande interesse em conhecer aquella formosa localidade, cantada por lord Byrou em versos, que recitou de cór.

— A princeza Helena, a princeza de Joinville, a princeza Clementina e o principe Fernando de Coburgo foram hoje de manhã ouvir uma missa a S. Vicente, que mandaram dizer por alma do sr. D. Fernando II.

— Foram recebidas hoje no paço d'Ajuda com um ceremonial solemne as embaixadas de Hespanha e França, sendo introductores; da 1.ª o conde de Sabugo e da 2.ª o conde de S. Mamede.

São extremamente simphaticos para a familia real portugueza os termos em que se lhe dirigiu o representante da Republica franceza.

Disse este embaixador que o presidente da Republica testimunha n'este modo o seu vivo interesse por tudo que diz respeito á familia real e á nação portugueza e a simpathia com que o governo francez encara uma união que deve estabelecer mais um laço entre as duas nações.

El-rei responden que vê n'este facto uma affirmação a mais de quanto são cordeaes as relações entre dois paizes que, á communidade de raça, juntam poderosas affinidades intellectuaes e uma simpathia tantas vezes manifestada no decurso da sua existencia secular e por muitos e diversos titulos, para ambos gloriosissimos.

Deveras folgo, disse el-rei, de poder n'este momento confirmar a esperança que nutro de que nas relações que Portugal e a França mantem se affirme sempre uma crescente cordealidade.

— Produziu grande e egradavel impressão o discurso do sr. ministro da França, sendo procurado com vivo interesse.

Y.

## Telegraphia

**Madrid, 18.**—Senado: O general Concha, tendo subido á cadeira da presidencia, disse que desappareceram já todas as nuvens que escureceram o horisonte da Hespanha por occasião da morte de D. Affonso XII, e que espera a maior sympathia do povo para a rainha regente, D. Christina, cujas virtudes serão sempre a garantia da ordem publica.

Os senadores prestaram depois juramento sob a formula seguinte: «Não se tendo ainda resolvido qual será o nome do novo rei, juramos fidelidade e obediencia ao rei de Hespanha, successor de D. Affonso XII.»

Segundo noticias de Marrocos, o imperador dirigiu aos governadores das differentes praças commerciaes do imperio uma carta, que foi lida nas mesquitas, e na qual dá a conhecer a seus subditos os desejos das nações europeias a respeito da exportação de certos e determinados artigos marroquinos até agora excluidos do commercio exterior.

**Paris, 18.**—Alguns jornaes attribuem ao governo a intenção de expulsar os principes, mas por emquanto nada prova que esta asserção tenha fundamento.

**Roma, 18.**—Houve hontem em Veneza mais 7 casos e 3 obitos do colera. Em Bari houve tambem hontem mais 21 casos e 6 obitos.

**Madrid, 19.**—Será o nuncio apostolico em Madrid, quem representará o papa no baptisado do novo rei de Hespanha.

A rainha regente e o novo rei vão bem de saude.

O baptisado será no proximo sabbado.

O rei terá o nome de Fernando Affonso.

D. Carlos de Bourbon prefere conservar-se em uma attitude espectante, se os republicanos se não levantarem em armas.

**Roma, 19.**—Houve hontem em Veneza mais 7 casos e 4 obitos do cholera; em Bari 10 casos e 7 obitos e em Ortuni 3 casos e 4 obitos.

O vulcão de Etna continua a vomitar vapores e cinzas; é provavel uma erupção de lava.

**Madrid, 19.**—Está decidido que o rei receberá o nome de Affonso Leão.

**Paris, 19.**—*O presidente da republica* franceza sr. Julio Grévy nomeou em Lisboa o sr. Billot, embaixador extraordinario, para o representar nas ceremonias do casamento do principe real D. Carlos, duque de Bragança.

Um aviso official annuncia que cada subscriptor do emprestimo receberá 4,57 por cento da quantia que subscreveu.

Uma circular do ministro do interior, sr. Sarrien, fez constar que são muitos os hespanhoes que emigram para França, afim de arranjarem meios de subsistencia, e por isso convida as auctoridades a dissuadir os francezes que protendam emigrar para Hespanha, onde acharíam salarios menos elevados do que em França.

O conselho de ministros occupou-se hontem á noite da questão da expulsão dos principes, a qual parece haver sido posta novamente em ordem do dia por causa da recepção que houve no sabbado ultimo no palacio da rua Verennes.

O governo inclina-se a fazer alguma coisa, especialmente com respeito ao conde de Paris; mas por emquanto não se sabe se será decreto ou medida administrativa. O governo não tomou ainda nenhuma decisão dafinitiva, mas ha de tomal-a antes que as camaras voltem a reunir-se.

**Madrid, 20.**—Diz um jornal ministerial que, se a maldita bandeira carlista apparecer agora em Hespanha, será esmagada pelo governo, apoiado pela opinião de grande maioria de hespanhoes.

**Bahia, 19.**—Sahiu hoje d'este porto com destino a Lisboa o vapor *Baltimore*.

**S. Vicente, 30.**—Segue para Lisboa o paquete *Trent* da Companhia da Mala Real Ingleza.

**Athenas, 19.**—Foi eleito presidente da camara dos deputados, por 139 votos contra 78, o sr. Stephanopules, candidato patrocinado pelo sr. Tricoupi.

Este resultado da eleição foi recebido com applausos. Diz-se que o sr. Tricoupi será encarregado de formar novo ministerio.

**Roma, 2.**—Continua a erupção no vulcão do Etn. De Catanea avistam-se 10 crateras abertas no flanco do vulcão. A corrente d'lava mede 200 metros de largura. As povoações fogem espavoridas.

Em Veiza houve hontem mais 4 casos e 3 obtos do colera. Em Bari tambem houve hontem mais 7 casos e 1 obito.

**Londres 21.**—A camara dos communs approvou esta noite por 303 votos contra 89, o projecto de lei que renova a prohibição e venda e posse de armas na Irlanda.


# ANNUNCIOS

## Arematação

148 PELO juizo de direito da comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão —Ferreira—em virtude da deliberação do conselho de familia no inventario por obito de Manuel Lopes, da villa d'Ilhavo, vão á praça para pagamento de dividas no dia 6 de unho proximo por 11 horas da manhã no Tribunal Judicial, os seguintes bens—O dominio util d'um assento de casa terreas e quintal sito na rua Nova d'Ilhavo, foreiro de Manuel Chino, d'Ilhavo, em cincoenta e sete litros de milho e no valor de 90$000 rs. —Uma leirade terra lavradia sita na rua Nova d'Ilhavo, no valor de 38$000 réis. Ficam pelo presente citados quaesquer credores incetos para deduzirem os seus direitos querendo.

Aveiro, 17 de maio de 1886.

O escrivão,
*Severiano Juvenal Ferreira.*

Verifique—*Costa e Almeida.*

## ARREMATAÇÃO

141 PELA Direcção das Obras Publicas do districto d'Aveiro se faz publico que no dia 30 do corrente pelas 11 horas da manhã, perante a administração do concelho d'Aveiro, serão recebidas propostas por licitação verbal para a conclusão das terraplanagens e aberturas de valletas da parte da estrada real n.º 40 de Ovar a Entre-os-Rios, comprehendida entre o perül n.º 272 (fim do empedrado) e o fim do lanço do Burgo ao Arressayo, sendo a base de licitação 1:800$000 réis.

As condições e mais documentos para esta empreitada acham-se patentes n'esta sacretaria, ficando desde já prevenidos os concorrentes de que o deposito para poderem licitar é de 5 p. c. sobre a base de licitação, feito previamente na Caixa Geral de Depositos.

Aveiro, 13 de maio de 1886.

O Engenheiro Director
*Silverio Augusto Pereira da Silva.*

## EDITOS

146 NA comarca d'Aveiro e cartorio do escrivão substituto Nogueira Junior correm editos de trinta dias a contar do ultimo annuncio no inventario a que se procede por fallecimento de José Henriques, morador que foi no logar da Costa do Vallade, em que é cabeça de casal Maria Rodrigues Brocha, citando José Henriques, actualmente ausente em parte incerta e cazado com Maria Simões Vieira, para todos os termos do referido inventario até final.

O Escrivão Substituto
*Fernando Ribeiro Nogueira Junior.*

Verifiquei—*Costa e Almeida.*

## AFINADOR

145 OFFERECE-SE um afinador de pianos, com pratica d'este trabalho, e por preço convidativo.

Quem precisar dos seus serviços dirija-se a Joaquim Antonio Placido.

LARGO DO ROCIO—AVEIRO

## MODISTA

98—RUA DE SALGUEIROS—98

**PORTO**

89 COM tirocinio bastante, de modista em Lisboa, onde tem trabalhado para a casa real, e para a mais alta aristocracia, tanto na capital como na cidade do Porto.

Executa vestidos, pelo ultimo modelo a 1$500 reis; modernisa os vestidos antigos a 800 reis.

Executa chapeus, pelos ultimos modelos a 400 reis; modernisa os chapeus antigos a 240 reis.

Executa toda e qualquer obra concernente á sua arte, assim como: visites, dolmans, abrigos, mantelletes, etc., etc., vestidos para noivas e baptisados.

98, *Rua de Salgueiros, á Lapa*

**Porto**

## ANNUNCIO

123 VENDE-SE em Vagos uma parelha de egoas de 1m,60 d'altura, pertencente ao visconde de Valdemouro.

MANUEL AUGUSTO FELGUEIRAS NEVES
COM
OFFICINA DE OURIVES
**Rua Direita—Aveiro**

147 COMPÕE ouro e prata com promptidão e barateza, assim como tambem compra ouro velho.

## LOMBRIGAS

134 NÃO ha remedio nem mais efficaz, nem que tenha merecido mais elogios como as pastilhas vegetaes de Moura. Com o uso d'ellas a expulsão das lombrigas é certa, infallivel e rapida. Os muitos communicados que com tanta frequencia, teem apparecido nos jornaes a respeito de seus maravilhosos effeitos, são a prova mais evidente da sua extraordinaria e incontestavel efficacia. Caixas de 100, 200 e 400 reis. No Porto, pharmacia de Felix & Filho.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

*São falsificadas as pastilhas em cujas caixas não for o nome de Felix & Filho.*

22

MOLESTIAS SECRETAS

**CAPSULAS RAQUIN**

Unicas capsulas de gluten com copahiba, approvadas pela Academia de Medicina de Paris.

Como não se abrem no estomago, tolleram-se sempre bem e não causam eructação. Empregadas sós ou com a *injecção de Raquin* curam em muito pouco tempo as gonorrheas mais intensas.

A Academia obteve 100 curas sobre 100 doentes, tratados por estas capsulas.

**EXISTEM MUITAS IMITAÇÕES**

Para evital-as, não se devem acceitar senão os frascos que levam sobre o involucro exterior a *assignatura de Raquin* e o sello official (em azul) do *governo francez*.

DEPOSITOS: FUMOUZE-ALBESPEYRES, *78, Faubourg Saint-Denis*, PARIZ, e em todas as boas pharmacias do extrangeiro, onde se acham as mesmas capsulas de copahibate de soda, de copahiba e cubeba, de cubeba, alcatrão, ou terebinthina, e a **INJECÇÃO RAQUIN**, complemento de todo tratamento

## AS TOSSES

135 E TODOS os padecimentos das vias respiratorias, desapparecem rapida e completamente com o uso do xarope peitoral Moura. Este medicamento, que póde ser tambem administrado debaixo da fórma de pilulas, é de gosto muito agradavel e de effeito certo e seguro. O seu extraordinario consumo, sempre crescente e os numerosos attestados de distinctissimos facultativos e de muitas pessoas que teem feito uso d'este precioso medicamento com o melhor resultado curativo, provam á evidencia a sua grande efficacia. Deposito geral no Porto, Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

*E' falsificado o xarope em cujos frascos não for o nome Felix & Filho.*

**GARGANTA**

VOZ e BOCCA

**PASTILHAS DE DETHAN**

Recommendadas contra as Doenças da Garganta, Extincções de Voz, Inflammações da Bocca, Effeitos perniciosos do Mercurio, Irritação causada pelo fumo, e particularmente aos Srs. PREGADORES, PROFESSORES e CANTORES, para lhes facilitar a emissão da voz.

PREÇO: 600 REIS.

Exigir em o rotulo a firma Adh. DETHAN, em PARIS

## ACABAM OS CALLOS

133 COM a applicação do empelastro preparado por Felix & Filho, desapparecem rapidamente os callos. No Porto, pharmacia de Felix & Filho. Preço 300 reis.

Unico deposito em Aveiro—Pharmacia Central de Francisco da Luz & Filho.

## AGUAS ALCALINO-GAZOSAS-LITHINAES

DE

# VIDAGO

142 NO dia 1 de junho abrem os hoteis da empreza das AGUAS DE VIDAGO, conservando-se expostos ao publico durante os mezes de junho, julho, agosto e setembro.

A importancia therapeutica d'estas aguas mineraes tem-lhes feito grangear uma reputação universal, sendo com *justa razão consideradas como agentes* do mais subido valor em todas as doenças em que está indicada esta medicação. A' riqueza das aguas juntam-se as boas condições em que estão montados os hoteis da empreza, nos quaes se proporcionam as maiores commodidades e conforto.

Do relatorio apresentado pelo dr. Castro Lopo extractamos o seguinte:

| DOENÇAS | CASOS | RESULTADOS |
|---|---|---|
| Dyspepsia | 87 | Excellente |
| Lithiase-biliar | 16 | Excellente |
| Eugorgitamento hepathico | 25 | Excellente |
| Catarrho vesical | 17 | Excellente |
| Lithiase renal | 19 | Excellente |
| Gôta e rheumatismo | 4 | Melhoras notaveis |
| Herpes | 2 | N'um bom resultado |
| Cymphatismo | 1 | Bom resultado |
| Diabetis | 12 | Excellente |
| Albuminuria | 1 | Algumas melhoras |
| Bronchite chronica | 1 | Bom resultado |
| Anemia | 1 | Bom resultado |
| Não qualificadas | 20 | |

«... Como se vê pela estatistica presente não tem diminuido o numero de doentes que annualmente recorrem ao uso das aguas de Vidago, tomadas na sua origem. E' uma prova irrefutavel do quanto se generalisam os bons conceitos que merecem aos clinicos que deparam com casos especiaes como alguns que entram na estatistica, e para alguns dos quaes quasi de todo impotente o arsenal therapeutico que se encontra nas pharmacias.

«... Além dos agentes da mineralisação das aguas, uma parte importante nos resultados, deve-se, sem duvida, ás condições do local onde as eguas brotam, e aos hoteis da empreza, onde se observam todos os preceitos de uma boa hygiene.

«Não nos resta duvida em qualifical-os cemo hoteis de primeira ordem, e tanto mais que esta é a opinião geral que d'elles se faz.

«Se não repetimos aqui as considerações que temos por vezes feito sobre as aguas de VIDAGO é pelo julgarmos desnecessario.

«Que fique ainda assim mais uma vez consignado o conceito que d'ellas fazemos, collocando-as a par das de Vichy, ideia que aliás não nos pertence, pois que foi apresentada pelo sr. dr. Lourenço, mas que no entanto se armonisa com o nosso pensar.

(Assignado) *José de Castro Lopo.*»

A empreza tem feito melhoramentos notaveis nas nascentes de Oura, Villa Verde e Sabroso. Da nascente de Oura, abundantissimas, sahe a agua para o estabelecimento balnear, onde ha banhos de emmersão, circular, douches, etc., consideravelmente melhorados.

A agua de Sabroso, cuja riqueza é revelada pela primeira analyse, collocada em condições mais favoraveis, apresenta acido carbonico livre em quantidade extraordinaria.

A empreza vae mandar proceder a nova analyse, e é de suppor que venha mostrar que entre nós não ha outras que possam rivalisar com ella.

Para Vidago o transporte é facil, havendo na Regoa carros, mala-posta e diligencias que seguem até lá, podendo tambem seguir-se por Guimarães aos Arcos e Villa Pouca.

Para reserva de aposentos ou quaesquer esclarecimentos a correspondencia deve ser dirigida a mademe Carvalho ou Miguel Augusto de Carvalho—VIDAGO.

# COMPANHIA FABRIL SINGER

**75—RUA DE JOSÉ ESTEVAM—79**

PEGADO Á CAIXA ECONOMICA

AVEIRO

## VINDE VER AS

Excellentes e ainda não igualadas machinas de coser de **LANÇADEIRA OSCILLANTE**, que esta Companhia tem á venda.

### As suas grandes vantagens são:

BRAÇO MUITO ELEVADO

Lançadeira que leva um carrinho d'algodão.

Não precisa encher canhila nem enfiar a lançadeira.

A agulha é sempre ajustavel.

Dá dois mil pontos n'um minuto!

Levissimas no trabalho e silenciosas sem ignal.

Pesponto o mais perfeito e mais elastico, tanto em cambraia como nos tecidos mais grossos.

Não quebra as agulhas, nem corta a fazenda, todo o seu machinismo é ajustavel e com ouso e os annos está a machina sempre perfeita.

## GARANTIDA POR 12 ANNOS

**SINGER**

Ao alcance de todas as fortunas. Vende-se a prestações de 500 REIS SEMANAES sem prestação d'entrada, e a dinheiro com grande desconto.

**SINGER**

A que tem obtido em todas as exposições os primeiros premios e vinda na ultima exposição de Amsterdam obteve o GRANDE DIPLOMA D'HONRA, premio superior é medalha d'ouro.

**SINGER**

Para familias, asfaiates, modistas, chapelleiros, sapateiros e correeiros.

**SINGER**

Para trabalhar á mão ou ao pé, e tão leve que uma creança a move sem se cançar.

**SINGER**

A que fabrica e vende directamente ao publico, evitando assim que o mesmo seja enganado com as imitações, e tornando-se d'esta forma a sua garantia solida e positiva.

**SINCER**

Vendeu só no anno de 1884 a enorme quantidade de 620:382 machinas! devido isto á sua grande aceitação, supplantando assim todos os outros systemas modernos, que jàmais poderão competir com a machina SINGER

**SINGER**

Não tem rival debaixo de nenhem conceito attestando a verdade d'estas palavras mais de SEIS MILHÕES de machinas sahidas das suas fabricas!

Ensino esmerado gratis em casa do comprador, e concertos gratis por todo o tempo.

Peçam-se catalogos illustrados contendo o preço das machinas.

Avisa-se o publico de que tenha todo o cuidado com as imitações.

Vende-se agulhas, algodões torçaes e oleo a preços baratissimos.

*Deposito em todas as capitaes dos districtos de Portugal.* 56

# ESPECIALIDADES

| | |
|---|---|
| Old Tom Gim (marca Gato *registada*) | 4$800 réis por caixa de duzia |
| Cognac (muito velho) | 5$800 réis por caixa de duzia |
| Scotch Whisky (10 years old) | 8$000 réis duzia de garrafas |
| Vinho do Porto (velho) | 3$000 réis duzia de garrafas |
| Vinho de Xerez (superior) | 3$800 réis duzia de garrafas |
| Vinho de meza (igual ao melhor vinho de Bordeus) | 850 réis duzia de garrafas |
| Champagne (muito superior) | 7$200 réis duzia de garrafas |

De 3 caixas para cima tem desconto, excepto os vinhos de meza

Pódem-se provar estes vinhos e cognacs no escriptorio de

## H. Daniel Ritson

**39—RUA DO INFANTE D. HENRIQUE—39**

(ANTIGA RUA DOS INGLEZES)

**CASA ESTABELECIDA EM 1875**

NOVO DEPOSITO
DE
# MACHINAS DE COSTURA

**CARLOS DA SILVA MELLO GUIMARÃES**

*Rua Direita—Aveiro*

Participa aos seus amigos, e ao respeitavel publico de Aveiro e arredores, que acaba de reunir aos seus estabelecimentos um importante deposito de machinas de costura as quaes garante como muito superiores a quantas se conhecem. A **MEMORIA** (especialidade que mais se recommenda) é a unica machina que tanto pela sua belleza, como pela construcção, solidez e variedade de trabalhos que executa supplanta toda e qualquer machina que até ao presente se tem vendido em Aveiro.

A **MEMORIA**, sem rival no mundo, é a unica que tem obtido os mais honrosos premios nas exposições aonde tem concorrido; d'entre estas citarei a Exposição de Lisboa em maio de 1884 aonde foi a unica machina de costura que obteve premio.

Seria fastidioso enumerar as vantagens d'esta excellente machina, e por isso me limito a prevenir todas as pessoas que desejem comprar um d'estes indispensaveis auxiliares do trabalho, que depois de examinarem com attenção as que por ahi se vendem, venham ver estas pelas quaes optarão sem duvida.

A **MEMORIA** vende-se a prestações de 500 reis semanaes ou a prasos, fazendo-se grande desconto ao compradores de prompto pagamento.

## PREVENÇÃO

5

Ao recommendar a machina **MEMORIA** direi comtudo que tenho sempre no meu deposito, machinas de outros systemas e de outros fabricantes, as quaes pela sua qualidade muito superior ás que por ahi se vendem, são comtudo vendidas por tão diminutos preços que difficilmente outras casas do mesmo genero poderão competir.

**Peças soltas, agulhas, algodões, oleo, torçaes, etc.**



**TYPOGRAPHIA AVEIRENSE**—LARGO DA VERA-CRUZ—AVEIRO